

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

**A TRANSMISSÃO ORAL DE INFORMAÇÕES: UMA ANÁLISE DO RÁDIO E DA
ORALIDADE NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Alexandre André Amendola

Orientador Prof. Dr. Marivalde Moacir Francelin

SÃO PAULO

2013

ALEXANDRE ANDRÉ AMENDOLA

**A TRANSMISSÃO ORAL DE INFORMAÇÕES: UMA ANÁLISE DO RÁDIO E DA
ORALIDADE NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Marivalde Moacir Francelin

SÃO PAULO

2013

Autorizo a reprodução total ou parcial para uso pessoal do copista e/ou para fins acadêmicos e científicos desde que atribuída autoria.

Catálogo da publicação elaborada pelo autor

Amendola, Alexandre André

A transmissão oral de informações: uma análise do rádio e da oralidade na Ciência da Informação / Alexandre André Amendola. – São Paulo: A. A. Amendola, 2013.

68 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Escola de Comunicações e Artes/USP, 2013.

Bibliografia

1. Oralidade 2. Rádio 3. Comunicação Oral 4. Informação e Comunicação I. Título

TERMOS DE APROVAÇÃO

Alexandre André Amendola

A transmissão oral de informações: uma análise do rádio e da oralidade na Ciência da Informação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Banca Examinadora:

Aprovado em:

____/____/____

AGRADECIMENTOS

Quero primeiramente agradecer a minha família por todo suporte dado nesta graduação e no momento da elaboração deste trabalho, dando possibilidade de realizá-lo diante dos inúmeros desafios do momento. Pela paciência e confiança, e com certeza por fazerem parte da minha história e eu da deles, e nesse momento de fechamento de ciclo e conclusão me ajudarem maravilhosamente.

Agradeço também a todos os amigos, que também são uma família, e que contribuíram direta ou indiretamente na elaboração deste trabalho, dando apoio principalmente nos momentos mais exigentes, em especial Mariana Orlow e Simone Miketen pelo apoio moral e intelectual.

Agradeço ao Professor Dr. Marivalde Francelin pela orientação e pelo essencial apoio na realização e conclusão deste trabalho.

E por fim, agradeço a força da vida, que nas suas inúmeras voltas me entrega um novo fim e começo neste momento de concluir não só uma graduação, mas uma fase, que significa muitos aprendizados em todos os sentidos.

RESUMO

AMENDOLA, Alexandre André. **A transmissão oral de informações**: uma análise do rádio e da oralidade na Ciência da Informação. 2013, 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

O trabalho analisa a oralidade como meio de transmissão e comunicação da informação e faz um paralelo com sua presença na contemporaneidade através da informação oral transmitida pelo rádio. Parte das definições de informação da área da Ciência da Informação para compreender melhor a transmissão da informação oral, bem como suas principais características. Através disso procura trazer as principais diferenças da informação transmitida “face a face” entre os indivíduos, da informação transmitida através de um meio de comunicação essencialmente oral, no caso o rádio.

Palavras-chave: oralidade; transmissão da informação; comunicação oral; rádio.

ABSTRACT

AMENDOLA, Alexandre André. **A transmissão oral de informações**: uma análise do rádio e da oralidade na Ciência da Informação. 2013, 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

The paper analyzes orality as a means of communication and transmission of information and drawing a comparison with its presence in contemporary oral information transmitted through the radio. Is based on definitions of information in the field of Information Science to better understand the transmission of oral information, as well its main features. Through that search look for the main differences of the information transmitted "face to face" between individuals, to the information conveyed through a communication medium essentially oral, in case the radio.

Keywords: orality; transmission of information; oral communication; radio.

SUMÁRIO

1 Introdução	09
1.1 Justificativa.....	10
1.2 Problemas de pesquisa.....	10
1.3 Hipótese.....	11
1.4 Objetivos.....	11
1.5 Metodologia.....	11
2 A informação na perspectiva da oralidade	13
3 Transmissão e comunicação da informação oral	17
4 Os meios de comunicação na história	21
5 Revoluções na transmissão da informação oral: o rádio	31
6 Análise da presença da informação radiofônica na Ciência da Informação	38
7 Discussão dos resultados	47
8 Conclusão	48
Referências Bibliográficas	49
Apêndices	51
A - Resumos dos artigos com o termo “rádio”	51
B - Resumos dos artigos com o termo “oralidade”	56
C - Referência dos artigos descartados com o termo “rádio”	63
D - Referência dos artigos descartados com o termo “oralidade”	65

1 INTRODUÇÃO

Atualmente os indivíduos encontram-se em uma cultura regida intensamente pela informação, que sempre foi parte integrante da construção das culturas ao longo dos séculos. Hoje porém, mais do que em qualquer outro período da história, com o avanço das tecnologias de informação e comunicação a humanidade existe em novos contextos e possibilidades de criação, transmissão, armazenamento e difusão de informações, que se recriam a cada dia em grande velocidade. A essa sociedade damos o nome de Sociedade da Informação.

Diante desta realidade muitos meios de comunicação coexistem: rádio, televisão, livros, periódicos, jornais, internet e seus multimeios, entre outros. É nesta plataforma que os indivíduos se organizam e a utilizam para comunicar e registrar a informação que sempre foi requisito básico para sua própria sobrevivência e sobrevivência das culturas.

Sabe-se há muito que antes do surgimento das primeiras tecnologias utilizadas para a comunicação da informação, o instrumento utilizado pelos homens para o registro e transmissão da mesma era a voz, a oralidade. Era apenas através da fala que a informação podia ser armazenada na memória e transmitida para outras gerações, uma herança que só poderia ser usufruída se fosse passada de indivíduo para indivíduo pois não existiam meios desenvolvidos para o registro material da memória de uma sociedade. Nestes tempos não havia ainda a escrita e a oralidade era o meio pelo qual toda uma cultura se mantinha e se recriava, um fato que ainda hoje pode ser testemunhado em sociedades que não possuem a tecnologia da escrita.

Esse período cultural antes do advento da escrita é chamado por alguns autores, como Walter Ong (1982) e Pierre Lévy (1993), de “oralidade primária”, na qual esta era o principal meio de comunicação da sociedade. Mesmo com o advento da escrita e, em sequencia, das diversas tecnologias de comunicação da informação a oralidade continuou e continua presente na sociedade, já que esta herança oral faz parte dos seres humanos tanto quanto a capacidade de andar ereto e provavelmente não será suplantada por nenhuma tecnologia criada pelo homem.

Observa-se então a oralidade permeando a comunicação e transmissão da informação até os dias de hoje, e em especial o rádio é o meio de comunicação que reproduz a oralidade na sua forma mais pura. Com o desenvolvimento da tecnologia radiofônica para transmissão e comunicação da informação, a informação oral passa também a ser transmitida através de um

meio de comunicação de massa que implica em relações diferentes que se observa na oralidade face a face. Se em um período a oralidade face a face era utilizada como meio principal, além do uso do dia-a-dia, para a comunicação e transmissão de informação e conhecimento, hoje o rádio divide esse espaço como um meio integralmente oral. Diante desse fato pretende-se observar a partir de agora alguns dos atributos e usos da transmissão e comunicação oral da informação, como também desta transmissão oral através do rádio .

Apresenta-se a seguir a justificativa, problemas, hipóteses, objetivos e metodologia de pesquisa.

1.1 JUSTIFICATIVA

O uso oralidade como meio de comunicação principal para transmissão e comunicação da informação foi se modificando ao longo da história, e diante do surgimento das tecnologias de comunicação e transmissão da informação destaca-se o rádio como meio de comunicação oral. Ao observar a transmissão e comunicação de informações quando esta era possível apenas face a face e a oralidade do rádio, estimula-se que seja realizada uma análise de como era este uso da oralidade e como ela é utilizada pelo rádio nos dias atuais. Justifica-se tal análise no contexto da Biblioteconomia pelo fato desta oralidade estar presente no rádio e sua investigação como um meio de transmissão, armazenamento e difusão de informações oral é importante.

1.2 PROBLEMAS DE PESQUISA

A oralidade como meio de transmissão e comunicação da informação sofreu alterações ao longo da história e com o advento dos meios de registro de informação e as novas tecnologias da informação, foi no rádio que mais se explorou essa forma de transmissão e comunicação. Tal fato pode ter trazido diferenças na forma como a informação oral é utilizada.

1.3 HIPÓTESE

Atualmente a oralidade além do uso face a face para transmissão e comunicação da informação e conhecimento é utilizada pelo rádio também para estes fins. O rádio apesar de utilizar a oralidade, tem suas características particulares que trazem diferenças na forma como a informação oral é utilizada.

1.4 OBJETIVOS

- Geral
 - Analisar a oralidade como meio de comunicação e transmissão da informação.

- Específicos
 - a) Identificar as principais características da transmissão da informação oral no contexto da história do conhecimento
 - b) Caracterizar a informação e conhecimento na perspectiva da oralidade
 - c) Analisar a transmissão e comunicação oral da informação através do rádio
 - d) Identificar as diferenças entre a transmissão da informação oral face a face e a transmissão através do rádio

1.5 METODOLOGIA

Para a realização e conclusão deste trabalho foi realizada uma pesquisa com base na revisão de literatura e na análise dos dados a partir de uma pesquisa de campo.

Além dos itens descritos acima, o trabalho a seguir está organizado da seguinte forma: na primeira parte será discutida a informação na perspectiva da oralidade identificando os aspectos que a diferenciam de uma informação que tem como suportes outros meios que

não a fala. Na sequência será abordado a transmissão e comunicação da informação oral analisando a forma como esta ocorre e também trazendo um pouco da história de outros meios de comunicação com vista a esclarecer as principais formas de comunicação utilizadas ao longo da história da humanidade, bem como por esta via esclarecer a transmissão e comunicação da informação oral. A partir deste ponto a pesquisa tem seu foco na oralidade do rádio, esclarecendo suas características como meio de transmissão da informação oral. Ao passo de concluir, será exposta uma análise de dados sobre artigos da Ciência da Informação que abordam o rádio como meio de transmissão e comunicação da informação e sobre artigos que abordam a oralidade com vista a esclarecer empiricamente os estudos desenvolvidos na área sobre estes temas.

2 A INFORMAÇÃO NA PERSPECTIVA DA ORALIDADE

Para dar início a discussão sobre a informação oral é importante citarmos alguns dos conceitos de informação, já que hoje este termo é utilizado de variadas formas e em diversos contextos com grande frequência, tanto no vocabulário científico quanto na fala de grande parte das pessoas comuns. Importante nos atentarmos ao fato de que há uma enorme discussão a respeito dos conceitos de informação na área da Ciência da Informação e a seguir o que será colocado pretende auxiliar no entendimento do assunto objeto desse estudo. Conceitos sobre *conhecimento* também se fazem importantes já que ambos os termos se inter-relacionam.

De acordo com Le Coadic (1994, p.4):

Informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em suporte e que comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal-elétrico, onda sonora, etc. Inscrição feita graças a um sistema de signos (a linguagem) que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação.

Em outra definição McGarry (1984, p.17) afirma que podemos considerar a informação como uma espécie de recurso para usar na resolução de um problema e caracteriza a informação como o processo que ocorre na mente humana quando este e os dados úteis para a sua resolução são levados a uma união frutífera.


Pontua-se aqui que a informação é um conhecimento inscrito que pode ser registrado, e logo para compreender melhor a informação oral, desde os tempos nos quais não existiam meios para seu registro, precisa-se ampliar a noção de informação já que mesmo não possuindo um suporte inscrito para registro, a informação oral utilizava exclusivamente da memória humana para seu armazenamento. Assim a informação era registrada nessa memória e dependia da transmissão, através de uma linguagem comum entres os indivíduos para ser preservada, o que também preservava o conhecimento das culturas.

Pode-se acrescentar que o conhecimento é definido como:

[...] a aplicação e o uso produtivo da informação. O conhecimento é mais do que a informação, pois implica uma consciência do entendimento adquirido pela experiência, pela intimidade ou pelo aprendizado. Entretanto, a relação entre conhecimento e informação é interativa. A geração do conhecimento depende da informação, já a coleta de informação relevante requer a aplicação do conhecimento. As ferramentas e métodos aplicados à informação também influem sobre a geração do conhecimento. A mesma informação pode dar lugar a uma variedade de tipos de conhecimento, dependendo do tipo e propósito da análise. (ROBREDO, 2003, p.17)

Os estados de conhecimento que os indivíduos possuem se alteram a medida que estes identificam uma anomalia desse estado e assim tentam obter uma informação ou informações para corrigir esta anomalia, como completa Brookes¹ (1980, p.125 *apud* LE COADIC, 1994, p.9) com a equação fundamental da ciência da informação que exprime a passagem de um estado de conhecimento C a um novo estado de conhecimento C' graças à contribuição de um conhecimento ΔC extraído de uma informação ΔI , na seguinte expressão:

$$C + \Delta C = C'$$


 ΔI

Pelo senso comum essa equação significa que recebemos informação do exterior e essa informação ao entrar em contato com o nosso universo individual forma um novo conhecimento que dará base para as decisões que tomamos no decorrer do nosso dia-a-dia. Conhecimentos esses que acrescidos à novas informações, gerarão novos conhecimentos em um ciclo permanente. Logo podemos observar a existência da informação externa ao sujeito, da comunicação que traz a informação até o sujeito e do conhecimento que se enriquece com a informação adicionada.

Robredo (2003, p.12) colabora afirmando que “a informação serve para veicular o conhecimento e é suscetível de processamento, organização e atualização.” Assim novamente podemos trazer a oralidade como o suporte da informação que veicula um conhecimento, e a memória do indivíduo é o local onde este conhecimento é processado, organizado e atualizado. Analogamente pode-se observar as tecnologias de informação atuais que buscam reproduzir a memória humana, através de todas as técnicas de processamento e organização estudados na Ciência da Informação. Ao invés de utilizar como por exemplo redes de remissivas de um catálogo de bibliotecas, a memória humana utiliza de uma rede de

¹BROOKES, B.C. The foundations of Information Science, **Journal of Information Science**, v.2, p.209-221, 1980.

conexões que é ativada no processo de recordação (MCGARRY, 1999). Isto posto, pode-se perceber que a oralidade é mais um meio para a transmissão da informação, porém possui algumas propriedades únicas e diferentes das tecnologias de registro, já que dispõe de um aparelho biológico que realiza todos os processos cognitivos com a informação para retê-la. Esta que armazenada no indivíduo, torna-se uma informação com poder de se transformar e se atualizar com as dinâmicas internas e dos contextos existentes, ao mesmo tempo que ao passar de indivíduo para indivíduo também pode ser transformada em algum aspecto, ao contrário da informação em meio escrito, por exemplo, que encontra-se registrada em um meio estático perante o qual apenas o contexto se altera e ela permanece fixa com a mesma forma e conteúdo do momento de sua concepção.

A informação e o conhecimento transmitidos pela oralidade trazem aspectos interessantes. A voz permite toda uma intencionalidade que adiciona informação àquilo que está sendo dito. Como afirma Olga Pombo (1994, p.44):

A oralidade possui uma riqueza sinestésica e sugestiva que suscita a criatividade de quem fala e de quem ouve, estimulando a imaginação e deixando o ouvinte livre para imaginar de seu modo as realidades que estão sendo transmitidas.

Isto posto, podemos dizer que o meio de transmissão é parte fundamental da informação a ser transmitida e que este meio faz parte da mensagem assim como a própria informação contida nela. McLuhan (1964) defendia a visão de que o meio é mensagem, ou seja, afirmando que é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas.

Dessa forma o meio de comunicação agrega conteúdo a própria informação que está sendo transmitida, retomando a observação de que transforma a informação em uma nova informação apenas pela natureza do meio utilizado. Ou seja uma informação transmitida via oral e outra via escrita podem trazer informações diferentes. Ao falarmos, por exemplo, estamos gesticulando com as mãos, entoando em determinado tom com a voz e o receptor da mensagem está utilizando principalmente os sentidos auditivo e visual para captar a informação, e tudo isso contribui para a forma como este receberá a mensagem. De outro lado ao escrever a mesma informação em um papel, estamos transportando esta para um sistema de signos que será lido por alguém, que deve ser capaz de decodificar estes signos, e que utilizará principalmente o sentido visual e receberá esta mensagem sem necessariamente ver o

transmissor da mesma ocasionando uma outra forma de passar a mesma informação, que por este fato pode mudar em algum ponto a informação que está sendo transmitida.

3 TRANSMISSÃO E COMUNICAÇÃO DA INFORMAÇÃO ORAL

Para cumprir o seu papel e dar sentido a algo, a informação precisa ser comunicada e/ou transmitida. Entendendo neste ponto, comunicação pelo processo de transporte da informação no espaço, ou seja, entre contemporâneos, e a transmissão como o transporte da informação no tempo no qual o conhecimento torna-se disponível para além do período de vida de um indivíduo. Os dois tipos de transporte da informação pressupõe a existência de um emissor que comunica uma mensagem a um receptor. A definição emissor/receptor é baseada em um sistema simplista, bilateral porém bastante difundido que faz analogia a transmissão de um sinal elétrico, e como cita Le Coadic (1994, p.10) o ciclo da informação é na verdade um circuito que envolve construção, comunicação e uso da informação, sendo a comunicação um processo e um mecanismo no qual a informação é um produto, uma matéria.

A comunicação seria então o processo intermediário que permite a troca de informações entre os indivíduos como afirma McGarry (1984, p.42):

Para facultar aos seres humanos o benefício do conhecimento e das capacidades de outros temos de dispor de alguma forma de sistema de armazenagem, algum meio de transmitir conhecimento e informação. Sem essa facilidade cada nova geração teria de reaprender essas capacidades e modos de conhecimento possuídos pelos seus antepassados. Alguns estudiosos usam o termo “herança social”, outros “transcrição social”, ou “livro cultural”, uma vívida metáfora apontando uma eficaz comparação com o armazenamento, indexação e informação do moderno trabalho de referência.

Santaella (1996, p.31) reforça esta visão ao colocar a condição da existência de um veículo de transmissão de informação, através do qual esta transite, para que ocorra a transmissão, e que é necessário que as partes envolvidas no processo de transmissão compartilhem pelo menos parcialmente do código através do qual a informação se organiza em forma de mensagem.

Aqui podemos observar que a informação transmitida via oral, é o meio pelo qual os seres humanos trocam informações através de ondas sonoras por um conjunto biológico especializado (cérebro, pulmões, garganta, língua, lábios, nariz) (HAVELOCK, 1997, p.27) e através de um sistema de signos (a linguagem) que ainda McGarry (1984) define como :

Um sistema de símbolos, orais e escritos, usados pelos membros de uma comunidade de um modo bastante normalizado a fim de suscitar significação. É (discutivelmente) um dom único da espécie humana adquirido por capacidade natural e no contato com outros seres humanos e consistindo em significados simbolizados. A linguagem pode também ser usada como signo, como quando gritamos “ai”. Mas de modo geral ela é usada como símbolos propositadamente destinados a criarem significados no receptor e suscitar, alguma ação nos outros que partilham a linguagem.

Existem diversas formas pelas quais o ser humano pode se comunicar, entretanto a linguagem, e seu conceito estudado na linguística “a capacidade que o homem tem de comunicar-se com os seus semelhantes através de signos verbais”, (LOPES, 1979, p.76), foi aquilo que permitiu ao ser humano, pela estruturação da razão, conceber o mundo como hoje se conhece. A língua é quem identifica a nossa espécie como humana, que é fruto de milhões de anos de especialização biológica.

Havelock identifica, realizando um paralelo com a escrita, o papel da língua na história humana:

Durante um período de aproximadamente sete mil anos ou menos, a espécie humana adquiriu a capacidade por meio da qual a mão e o olho, suplementados pelo ouvido e pela boca, conseguem produzir pequenas formas visíveis que desencadearão uma memória da língua previamente pronunciada e ouvida. E essa realização epigráfica ocupou apenas um breve momento na linha evolutiva. O ser humano natural não é escritor ou leitor, mas falante e ouvinte. Isto é tão válido para nós como foi há sete mil anos. (HAVELOCK, 1997, p.27)

Logo podemos dizer que a língua ocupa uma posição essencial na comunicação humana, e mesmo com o advento das diversas tecnologias da informação ao longo do tempo, ela ainda permanece viva pelo simples fato de ser uma função natural do ser humano, da mesma que dormir, andar, são também faculdades naturais do aparelho humano.

Com efeito, a oralidade pressupõe alguns modos e traços na comunicação da informação, como afirma Bougnoux (1994, p.95):

O orador será redundante ou “copioso”; em face das pessoas que se encontram à sua volta, deve linsonjejar as idéias recebidas do auditório para obter seu assentimento, adaptar-se a ele para manter o contato. A “verdade”

de sua mensagem tende, portanto, a ser expressiva e fática, em vez de referencial. Essa verdade da intersubjetividade é relacional, é a do calor ou da autenticidade, mais do que a fria adequação entre sujeito e objeto. Em uma tal comunicação, a relação da enunciação tende a suplantar o conteúdo do enunciado.

Neste ponto percebe-se que a comunicação oral, a mais antiga e mais comum forma de comunicação humana, trabalhava de uma forma contextualizada, de acordo com o público ou a quem estava sendo destinada a informação. O destinatário nesse caso é fixo e conhecido, e diante de suas reações, não apenas a aquilo que está sendo ouvido porém visto, o orador realiza todo um trabalho com a gesticulação, a entonação da voz e com a mudança do próprio conteúdo informacional da mensagem no momento em que esta ocorre.

Olga Pombo (1994, p.42) ao citar o homem da cultura oral sinaliza estas variações de possibilidades da mesma:

Assim, fundado na palavra oral, na sua capacidade de modulações infinitas e na sua proximidade dos fatos de consciência, sentimentos e paixões, o homem de cultura oral está próximo de si e das coisas, preparado para discriminar as sutis variações do seus afetos e para ter acesso a uma rica, densa e multiforme experiência do mundo. A palavra oral suscita a criatividade de quem fala e de quem ouve, estimula a imaginação, deixa o ouvinte livre para imaginar a seu modo as realidades e acontecimentos de que ela fala.

É importante colocar que o homem da cultura oral, aquele que não conhecia suportes para registro de informação, transmitia informações principalmente através da língua e não possuía meios que pudessem transmitir a oralidade de alguma outra forma, como no caso das tecnologias de gravação de áudio e vídeo atuais. Dessa maneira observa-se que na contemporaneidade a oralidade tem outras possibilidades que a permitem se desligar de um contexto para serem registradas em um suporte físico, podendo assim ser transmitido a qualquer momento em outros contextos, não podendo assim ser alterado. Esse fato será melhor observado nos próximos capítulos, com uma análise do rádio, um meio de comunicação essencialmente oral.

Pierre Lévy, confirma o contexto que emissor e receptor compartilham na comunicação oral:

Nas sociedades orais, as mensagens linguísticas eram recebidas no tempo e lugar em que eram emitidas. Emissores e receptores compartilhavam uma situação idêntica e, na maior parte do tempo, um universo semelhante de

significação. Os atores da comunicação evoluíam no mesmo universo semântico, no mesmo contexto, no mesmo fluxo vivo de interações. (LÉVY, 1999, p.114)

Para complementar essas afirmações Fortes e Martins (2007, p.128) colocam que a linguagem, a precisão e a espontaneidade utilizadas nas explanações e diálogos influenciam diretamente a apreensão de informações, e é a união de todas estas características peculiares que demonstra o resultado de um estímulo do relacionamento estabelecido ou que vai contribuir com esse resultado perante o ouvinte.

A oralidade é então uma forma de comunicação com grandes variações e possibilidades na forma de transmitir informações, trazendo uma riqueza expressiva e sinestésica, com suas limitações, porém com seus atributos únicos e de inegável importância.

4 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA HISTÓRIA

Os meios de comunicação então realizam um papel fundamental no ciclo da informação, sendo a fase necessária para a manutenção do conhecimento e da informação. Como demonstrado por McGarry é neste ponto do ciclo que a informação e conhecimento são transmitidos e permitem que os indivíduos preservem as suas capacidades passando-as de geração para geração. Os meios para que isso ocorra foram diversos ao longo da história e se aprimoraram até chegarmos ao que temos hoje com as tecnologias da informação que formam uma grande rede de comunicação. Mattelart (1994) esclarece que para o saint-simonista² Michel Chevalier, os meios de comunicação são, de certa forma uma prótese social que determinam um novo tipo de relações sociais e que são instrumentos a serviço de redes de relações sociais como combinações múltiplas, através das quais se realizam as paixões de cada um e de cada uma.

Agora para maior compreensão da oralidade como um meio de comunicação da informação é importante observarmos a evolução dos meios de comunicação e a forma que se conectam com a formação das culturas. Santaella (2004) afirma que existem seis “Eras Culturais”: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura de impressão, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cibercultura. Em cada uma existe a predominância de uma tecnologia comunicativa que provoca mudanças de processos e relações sociais. Dessa forma, muito da cultura de cada época está diretamente associada às tecnologias dos processos comunicativos que estavam ao alcance dos homens em determinado momento histórico. Em cada era cultural, tecnologias de comunicação se fizeram presentes o que, de certa maneira, ditou os ritmos e rumos das culturas.

A seguir algumas considerações acerca de cada era cultural citada pela autora:

² O Saint-Simonismo é uma doutrina criada por Claude Henri Saint-Simon (1760-1825) baseada na defesa da igualdade entre os homens e no desejo de organizar essa sociedade de acordo com o seguinte lema: “De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo suas necessidades.”

CUTLURA ORAL

Antes do surgimento da escrita, os conhecimentos e o saber, eram transmitidos oralmente. A transmissão da cultura se dava do mais velho para o mais jovem. Guardava-se na memória tudo que deveria ser transmitido para as próximas gerações.

A época da cultura oral citada por Santaella é chamada por alguns autores já citados de “oralidade primária”, dizendo respeito a fala como o início de todo o conhecimento humano, na qual a tecnologia usada era o próprio aparelho humano. Dessa maneira em um período no qual não havia sido desenvolvido um suporte material associado a um sistema de representação da informação para sua comunicação e transmissão, as sociedades naturalmente se organizavam de forma que os indivíduos estivessem próximos uns dos outros, pois a distância de quem falava e de quem ouvia era extremamente importante para que a transmissão da informação fosse efetiva. É o período das tribos, das organizações sociais não complexas e dos contadores de histórias que mantinham viva a memória de toda uma sociedade.

Pierre Lévy define a “oralidade primária” como:

A oralidade primária remete ao papel da palavra antes que uma sociedade tenha adotado a escrita. Aqui a palavra tem como função básica a gestão da memória social e não apenas a livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana. Em uma sociedade oral primária, quase todo o edifício cultural está fundado na lembrança dos indivíduos e a inteligência, nestas sociedades, encontra-se muitas vezes identificada com a memória, sobretudo com a auditiva. (LÉVY, 1993, p.77)

É de grande importância o entendimento desta passagem, onde se afirma que a cultura oral utiliza a palavra para a gestão da memória social. Na atualidade isto também se faz presente com a oralidade dentro de outros meios de comunicação, participando também na gestão da memória social, porém a grande diferença está no fato de que na cultura oral a palavra era a única maneira de transmitir informações e fazer a gestão desta memória. Nada era transmitido sem que fosse observado, escutado, repetido, imitado e atuado pelas próprias pessoas ou pela comunidade como um todo.

Os anciões considerados sábios guardiões da memória por sua vivência e experiência adquiridas com a idade, detinham os conhecimentos e preciosas lembranças. Para Lévy (1998, p.177) “quando um ancião morre, é uma biblioteca que se queima.” Esses guardiões da

memória coletiva eram encarregados de guardar as genealogias e o saber técnico, bem como os mitos e ritos religiosos.

McGarry (1984, p.43-44) elucida que para facilitar a memorização e a evocação, a tradição coletiva era conservada na poesia, ou na prosa rítmica, e os mitos e as lendas eram utilizados como uma espécie de enciclopédia tribal. Havia ênfase na comunicação direta e o poder estava naqueles que possuíam fluência verbal, o sentido de espaço social era definido pelo alcance do ouvido coletivo. Melodias, cantos, epopéias e danças eram transmitidas via oral e passavam de geração a geração:

A transferência do conhecimento ocorre, quando o conhecimento é difundido de um indivíduo para o outro ou para um grupo. Muito conhecimento é transferido, por exemplo, por intercâmbio social e cultural. O conhecimento é transferido mediante processos de socialização, educação e aprendizado. O conhecimento pode ser transferido propositalmente ou pode acontecer como resultado de outra atividade. Esses processos sociais de transferência de conhecimento, são resultado, de uma forma ou de outra, da codificação de conhecimentos individuais, de grupos e de organizações, onde há codificação em uma linguagem determinada, com níveis variáveis de utilização[...] (ROBREDO, 2003, p.22)

É através dela que a informação oral é transmitida, ou seja a linguagem é o sistema comum, e natural, que permite aos indivíduos trocarem informações entre si. Natural pelo fato de não necessitar de nenhuma tecnologia externa ao ser humano ou prótese que permita essa comunicação. O único requisito para se transmitir uma informação oralmente é possuir um sistema linguístico em comum, e isso é um processo de aprendizado natural do ser humano.

Os pensamentos e discursos orais apresentavam características importantes, que muito diferem dos pensamentos e discursos da cultura que surge posteriormente à escrita. Segundo Ong (2002, p.37) podiam ser:

- *Aditivos em vez de subordinados* – os discursos procuravam adicionar informações e não transformar por meio de estruturas sináticas mais complexas quando nova informação era conhecida;
- *Agregativos em vez de analíticos* – apresentavam substantivos adjetivados que formavam um conjunto que era sempre repetido, por ser fundamental para as fórmulas de memorização;

- *Redundantes* - repetiam constantemente o que já fora dito de forma a poder concentrar os ouvintes (já que não lhes era permitido voltar atrás como é possível num registro escrito);
- *Conservadores ou tradicionalistas* – por dependerem de quem soubesse o que se passou, de pessoas que tivessem guardado em suas memórias a informação, o respeito aos idosos era maior que na sociedade contemporânea, que pode fazer uso de registros para conhecer o passado;
- *Mais próximo da vida humana* – não havendo o distanciamento dos fatos que permite o pensamento analítico posterior à escrita, a “oralidade primária” tinha de relacionar-se diretamente à vida cotidiana de forma a que a informação pudesse fazer sentido;
- *De tom agressivo* - por estarem diretamente relacionadas à vida humana, a agressividade e violência eram constantes no discurso da “oralidade primária”, uma vez que a vivência diária era permeada de conflitos;
- *Baseados na empatia e participação em vez de ser objetivamente distanciados* – o narrador e a audiência estavam diretamente ligados com a história, não havendo, portanto objetividade numa narração;
- *Homeostáticos* - as narrativas orais não se conservaram iguais na passagem de indivíduo para indivíduo, pois havendo a necessidade de se associar à vida cotidiana e dependendo das relações dos ouvintes, o narrador fazia alterações em seu discurso;
- *Situacionais em vez de abstratos* – apesar de a linguagem permitir a abstração, esta não era ainda aquela que se tornou possível por meio da escrita, pois os indivíduos ainda dependiam muito de um referente para compreender um discurso.

Portanto é inegável que durante a cultura oral o homem diferenciou-se ao fazer uso destes processos de comunicação, e estes conhecimentos transmitidos pela oralidade se fundamentavam em grande parte por experiências adquiridas, o que se difere de um conhecimento reproduzido pelo simples contato com outras informações.

Para dar continuidade e maior compreensão em relação a cultura oral, faz-se importante nesse momento citar a classificação que Walter Ong (1982) e Pierre Lévy (1993) colocam, distinguindo as oralidades em momentos distintos da história. Além da “oralidade primária”, já mencionada, pode-se reconhecer o que eles chamam de a “oralidade secundária”.

Zumthor (1993), por sua vez, distingue três tipos de oralidade. A primeira, equivalente a “oralidade primária” de Ong e Lévy, denominada “primária e imediata”, Em segundo lugar, haveria uma “oralidade mista” e finalmente, o autor denomina a “oralidade segunda”, equivalente à já citada “oralidade secundária”.

Já se sabe que a “oralidade primária” é aquela que não estabelece contato algum com a escrita e encontra-se apenas em sociedades desprovidas de simbolização gráfica da informação ou em grupos isolados e analfabetos. Na sequência cronológica temos a “oralidade mista”, que diz respeito a sociedades em que o oral e o escrito coexistem, mas a influência do escrito permanece externa e parcial. Esse tipo de oralidade surgiu de uma “cultura escrita” e remonta o momento no qual a escrita já se fazia presente na história da humanidade, através dos pergaminhos, códices, manuscritos, e dos livros reproduzidos pelos copistas. Em geral cada exemplar possuía um número limitado de cópias, pois neste momento ainda não existia um sistema para reprodução em série dos escritos. A leitura nesse momento era muito realizada em público, em voz alta, salientando que grande parte da população era analfabeta, sendo a leitura um privilégio das elites.

Como afirma Pierre Lévy (1993, p.97) “Os antigos manuscritos imitavam a comunicação oral (perguntas e respostas, discussões contra e a favor), organizavam-se ao redor do comentário de um grande texto ou propunham trechos selecionados e compilações”, e era neste formato que a “oralidade mista” se manifestava através das leituras públicas e também com a introdução do silêncio ainda neste período. Nunes (2007) diz que alguns monges resistiam ao silêncio porque suspeitavam que a leitura feita assim faria com que os copistas “sonhassem acordados”, o que configurava o perigo de que sucumbissem à moleza, ao sono, o que, aliás, não era incomum. Isso porque inicialmente a cópia dos textos era um trabalho de equipe no qual um copista lia o texto em voz alta enquanto outro fazia a transcrição caligráfica, já que o formato do pergaminho não tornava prática a tarefa sendo realizada por apenas uma pessoa. Porém a substituição do rolo de pergaminho pelo códice torna mais prática esta tarefa permitindo que um mesmo copista realizasse a leitura do texto original e a reprodução caligráfica em um novo códice.

Ainda Nunes (2007, p.163) observa algumas implicações sociais e culturais importantes da leitura em silêncio:

Ocorre que a leitura em silêncio, se é que representou maior produtividade, também é fato que ensejou um perigo para quem detinha o controle do poder eclesiástico e político. O exercício desse poder estava estreitamente vinculado à circulação das idéias, dos dogmas. A reprodução dos livros pelo método da leitura em voz alta propiciava mais do que o pronto esclarecimento de dúvidas inevitáveis, haja vista problemas de tradução e de interpretação. Além dessa dúvidas, que agora quedavam sob o arbítrio de uma única consciência, crescia-se o perigo de livre interpretação dos copistas, liberados da forma e do controle de um interlocutor. Destravou-se assim, pela mudança de uma prática social, um poderoso mecanismo de controle político, o que produzia consequências devastadoras para a igreja Católica, para o modo de produção e para a organização política medievais, como evidenciam os acontecimentos dos séculos XV e XVI.

Dessa maneira configurava-se a “oralidade mista” que logo seria substituída pela “oralidade secundária” que se estabelece com o advento da imprensa e que vai fazendo parte da sociedade com a socialização das produções e em consequência uma maior democratização da leitura.

A “oralidade secundária” é característica de uma cultura letrada e se recompõe com base na escrita num meio onde esta tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário (ZUMTHOR, 1993, p.18). Esses tipos de oralidade variam, segundo Zumthor, de acordo não somente com as épocas, mas com as regiões, as classes sociais e também com os indivíduos.

O crucial neste momento da oralidade é que ela se torna individual e linear com o advento da imprensa, já que agora os textos escritos não imitam mais uma comunicação oral como na época da “oralidade mista”, mas sim são escritos visando um tipo de leitura que será realizada individualmente. Deste momento histórico em diante, constata-se que a prática social da leitura segue em sua maioria a via silenciosa, ampliando exponencialmente o número de leitores, sendo a prática social da leitura em voz alta reservada em caráter mais utilitário como no processo de ensino e aprendizagem e na mídia.

CULTURA ESCRITA

A revolução da escrita foi a primeira das grandes revoluções da comunicação na história da humanidade, e da qual todas as subsequentes são devedoras. Foi a escrita a tecnologia de comunicação mais avançada do quarto milênio a.C até o século XV d.C com a chegada da imprensa desenvolvida por Johann Gutenberg (MCGARRY, 1999, p.75). É a partir deste momento que se desenvolve um suporte para registro da informação com um sistema para representação da mesma. O real momento e de que forma exatamente ela se incorporou ao acervo humano não é possível definir, porém como afirma Costella (1984, p.12):

Talvez com base nessa experiência, talvez sem base nela, um dia o homem gravou uma marca à qual atribuiu um significado e, a partir desse primeiro sinal, lançou os fundamentos daquilo que viria a ser a escrita. Não sabemos qual teria sido esse sinal de tão insigne progênie, pois somente suposições orientam o pesquisador neste ponto. É possível que os primeiros sinais gráficos tenham sido de conteúdo numérico. Quiçá os do caçador anotando, com traços, a quantidade de presas abatidas.

Um texto agora pode ser lido, relido e corrigido, a memória de um povo começa a tornar-se independente do indivíduo e da sociedade e os riscos de deformações e perdas do saber diminuem consideravelmente, pois podem ser guardados e sempre consultados. Enquanto a fala se esvai muito facilmente, a escrita, sustentada por um suporte físico, permanece por muito mais tempo e pode alcançar lugares antes inatingíveis. A questão da memória é extremamente alterada com o advento da cultura escrita. A memória torna-se externa ao indivíduo fazendo com que a memorização fique em segundo plano, e a habilidade de interpretar, de registrar o ocorrido se torne possível. Nesse período, o conhecimento é repassado de forma muito mais centrada e objetiva, e a transmissão de idéias não depende mais da fala e da oralidade para se perpetuar. Nesse momento a escrita vem como um suporte que ultrapassa a marca do tempo permitindo a comunicação entre pessoas de diferentes épocas que de outra maneira poderiam nunca ter tido um contato real. (FORTES; MARTINS, 2007, p.127).

A cultura escrita trás também a questão da descontextualização da informação:

A descontextualização é o manuseio da informação de forma a desmembrá-la ou colocá-la em segundo plano, Por exemplo, quando ensinamos as crianças da escola primária as formas “abstratas”, o quadrado, o círculo, o triângulo e o retângulo, apresentamo-lhes diagramas em que a forma ou não se mostra ligada a qualquer objeto ou os objetos têm suas outras propriedades colocadas em segundo plano. (DENNY, 1997, p.76)

Isto posto, é como se a oralidade fixasse a informação em alguma situação pertinente ao momento, enquanto a escrita que descontextualiza a informação consistisse em algo contido em si mesmo. Uma texto escrito, por exemplo, pode viajar o mundo e se desloca do seu contexto de criação e inspiração atingido lugares no qual será uma informação desmembrada de seu contexto. No famoso diálogo entre Fedro e Sócrates, este último comenta a descontextualização:

O uso da escrita, Fedro, tem um inconveniente que se assemelha à pintura. Também as figuras pintadas têm atitude de pessoas vivas, mas se alguém as interrogar conservar-se-ão gravemente caladas. O mesmo sucede com os discursos. Falam das coisas como se as conhecessem, mas quando alguém quer informar-se sobre qualquer ponto do assunto exposto, eles se limitam a repetir sempre a mesma coisa. Uma vez escrito, um discurso sai a vagar por toda parte, não só entre os conhecedores mas também entre os que o não entendem, e nunca se pode dizer para quem serve e para quem não serve. (PLATÃO, 1962, p.255)

Esta fala expõe algumas das inúmeras questões que permeiam a escrita em oposição a oralidade, que é um assunto para estudos posteriores tamanha sua extensão e que não será aprofundado aqui, sendo citado apenas para maior compreensão dos impactos e mudanças que surgem com o advento da escrita.

CULTURA DE IMPRESSÃO

Por volta de 1430, Gutenberg descobre uma maneira de juntar caracteres móveis para imprimir textos sobre papel. Nasce a cultura impressa, que veio pôr fim à exclusividade de uma minoria dominante, o clero e a nobreza, que detinham o poder da escrita e das idéias. Com essa invenção torna-se possível editar vários exemplares de um mesmo livro, fazendo com que a informação torne-se mais popular e mais democrática.

Pierre Lévy (1993, p.96) trás o fato de que a impressão transformou profundamente o modo de transmissão dos textos, pois com a quantidade de livros em circulação não seria mais possível que cada leitor fosse introduzido às suas interpretações por um mestre que tivesse recebido um ensino oral. O destinatário do texto era agora um indivíduo isolado que lia em silêncio e esta nova técnica contribuiu para romper os elos da tradição. Isto só demonstra que a prática social da leitura foi profundamente afetada com o advento da imprensa. Ela permitiu a liberdade de pensamento devido à interpretação pessoal de cada um em relação a informação, e não mais as pressões e influências de grupos dos quais anteriormente adquiriam e recebiam o conhecimento.

CULTURA DE MASSAS

A sociedade de massas começa a surgir já no século XVIII e se firma realmente na segunda metade do século XIX com a Revolução Industrial. Os avanços tecnológicos da industrialização, o aperfeiçoamento dos meios de comunicação da informação, tais como fotografia, cinema e a imprensa, depois o rádio e a televisão possibilitaram que um maior número de pessoas tivesse um acesso mais fácil às informações. Essa cultura tendeu a dissolver as polaridades entre o popular e o erudito, anulando suas fronteiras e permitindo que a informação alcançasse agora uma parcela maior da população, pois mesmo a imprensa com sua revolução na democratização do conhecimento ainda enfrentava a barreira do analfabetismo que com os meios de comunicação de massa já não era uma barreira para o acesso à informação. (FORTES; MARTINS, 2007, p.2)

CULTURA DAS MÍDIAS

Na cultura das mídias a informação que até então era veiculada e, de certa maneira, imposta por uma minoria a uma grande maioria que tudo absorvia passivamente, muda de figura com a possibilidade de escolha que os novos meios de comunicação da informação, inovando-se e renovando-se, propiciam a sociedade. O controle remoto, o vídeo cassete, o DVD, a televisão fechada entre outros são exemplos bem significativos. Pode-se dizer que a

cultura midiática é a *cultura do disponível*. Aqui a relação com a informação torna-se mais flexível no ponto em que o usuário desta pode agora, como citado, ter mais independência em relação ao acesso à informação sendo o primeiro passo da comunicação informatizada e interativa com a presença dos meios de comunicação de massa se relacionando com os avanços da tecnologias, gerando uma nova realidade de comunicação baseada na interatividade. (FORTES; MARTINS, 2007, p.2)

CIBERCULTURA

A palavra-chave da cibercultura é a interatividade do homem com a “máquina” e suas tecnologias avançadas. A chegada dos meios digitais e da internet possibilita uma busca fragmentada e individualizada da informação, possibilitando também a produção e disseminação de todos e para todos. Esta é a *cultura do acesso*, a Era que traz as novas tecnologias permitindo a criação de uma interface diferente com a realidade informacional, transformando a relação dos indivíduos com o mundo. Sem definições limitadas, tem sua característica principal no novo posicionamento destes indivíduos perante os processos comunicativos, e as transformações sociais e tecnológicas resultam na desmassificação, isto é, na pluralização das visões de mundo e dos novos posicionamentos e anseios da sociedade em relação ao todo. Como coloca Santaella (2003, p.82) neste momento cada um pode tornar-se produtor, criador, compositor, montador, apresentador e difusor das suas própria informações e produtos.

É diante desta sociedade que atualmente a informação oral se faz presente, diante de enormes avanços nas tecnologias da informação e na constante convivência entre os diversos meios de comunicação que ou morrem, ou permanecem, ou se transformam, de acordo com os paradigmas informacionais vigentes. O rádio é um destes meios que permanecem e se transformam com as mudanças nos modelos de comunicação da informação, e aprofundaremos na compreensão deste meio de comunicação a seguir.

5 REVOLUÇÕES NA TRANSMISSÃO ORAL DA INFORMAÇÃO: O RÁDIO

Como já citado a oralidade passou por diversas transformações no que diz respeito aos meios e a forma utilizada para transmití-la, bem como seu uso diante dos contextos que se desenvolveram ao longo da história da humanidade. Como observa Fortes e Martins (2007, p.2):

A cultura oral possibilitou tantos avanços na maneira de se comunicar que continua sendo utilizada até hoje, graças à evolução dos meios comunicativos e das tecnologias da oralidade, que aprimoraram e superaram algumas limitações encontradas.

Essas limitações na oralidade foram superadas pelas tecnologias dos meios de comunicação que se desenvolveram. As duas primeiras décadas do século XX foram marcadas pela telegrafia sem fio no que diz respeito aos meios de comunicação. Esta utilizava de onda eletromagnética para transmissões de telegramas entre as pessoas, com o emprego dos sinais de ponto e traço do código Morse.

Schiffer³ (1991, p.10 *apud* MEDITSCH, 2007, p.32) comenta que a transmissão de sons por ondas de radiofrequência surgiu, como tecnologia, para atender às necessidades de comunicação ponto a ponto à distância, com o desenvolvimento do telégrafo e do telefone. Antes de ser viabilizado tecnicamente, o invento já era antecipado pela literatura de ficção científica do século XIX e o fato de ter sido concretizado, quase simultaneamente em várias partes do mundo, indica como o seu surgimento era um imperativo histórico e cultural. O descobrimento do rádio é resultado de um sequencia de experiências científicas voltadas para o fenômeno da comunicação, que durou em média vinte e cinco anos para se desenvolver plenamente, e que se sedimentou desde as teorias sobre o magnetismo até o envio de sinais à distância sem a utilização de fios, tratando-se de um propagador de falas que eliminaria as distâncias geográficas.

A radiodifusão, utilizando da mesma onda do telégrafo para irradiação de seus programas eclode apenas a partir dos anos vinte, mas essa transmissão de sons complexos como a música e a voz humana já era possível desde o início do século em questão. “Seu advento ocorreu no intervalo entre as duas guerras mundiais, tendo sido beneficiado e prejudicado por elas”, (FEDERICO, 1982, p.130). Os problemas políticos e sociais, criados

³ SCHIFER, Michael Brian. **The Portable Radio in American Life**. Tucson: The University of Arizona Press, 1991.

pela primeira, tinham que ser sanados pois a necessidade de regulamentação estava diretamente vinculada aos casos de utilização da radiocomunicação para estratégia militar e relacionada com a manutenção da paz e das soberanias nacionais, ou seja, o rádio propiciava a existência da disseminação da propaganda política, que na época gerava uma verdadeira guerra psicológica. Mattelart (2007) considera essa questão ao colocar que os meios de difusão surgiram como instrumentos indispensáveis para a “gestão governamental ‘das opiniões’” tanto de populações aliadas como de inimigas, partindo das técnicas de comunicação, do telégrafo e do telefone para o cinema e passando para radiocomunicação. Este último como grande meio de comunicação de informações de massa, e como já citado, tendo desempenhado um papel crucial na comunicação da informação nesta época.

De acordo com Costella (1984, p.6) a radiodifusão teve rápido êxito conquistando todas as regiões civilizadas em um pequeno espaço de tempo. Inicialmente a radiofonia era na maior parte explorada e de privilégio apenas do Estado, e somente na sequência começou a ser utilizada pelos jornais como meio de comunicação de informações com o intuito de aumentar a venda de jornais. Na época possuir uma radio difusora era uma maneira de valorizar a imagem do periódico perante o público, demonstrando assim que o veículo acompanhava a vanguarda da tecnologia. Outro fator importante é que acreditou-se que a notícia falada, superficial e rápida era um estímulo para a busca da informação escrita, mais completa e elaborada.

Importante atentar para o fato que o rádio sempre foi um meio de comunicação muito econômico para se produzir se comparado a outros meios de comunicação da informação, pois dispensa processos de captação de imagens por exemplo e faz uso apenas do som. Também é um meio muito democrático, existindo neste ponto uma facilidade na disseminação da informação pois até analfabetos podem fazer uso deste meio que produz conteúdos com estruturas relativamente simples.

Pode-se considerar o rádio um dos meios de comunicação de informação que utiliza unicamente da oralidade para sua expressão. Sua relação com a comunicação oral primária fica exposta através de Faus Belau⁴ (1981, p.140 *apud* MEDITSCH, 2007, p.140) , que coloca que a acumulação de experiências radiofônicas e a sua transmissão às novas gerações, se efetuou exatamente da mesma maneira como se realiza numa sociedade oral, que depende das tradições e comunicações orais.

⁴ FAUS BELAU, Angel. **La Radio:** Introduction a un medio desconocido. Madrid: Editorial Latina. 1981.

Diferente de outros meios de comunicação como as mídias audiovisuais que são orais e visuais, por exemplo, o rádio reproduz apenas a informação oral e o receptor da informação não tem a visualização do interlocutor da mensagem. Este é um ponto a se atentar já que como observado, tanto a “oralidade primária” quanto a “oralidade mista” traziam a visualização do emissor da informação. Ainda neste ponto o rádio trás elementos da “oralidade mista” pelo fato de que em boa parte das transmissões o locutor está lendo um roteiro desenvolvido para que seja discursado e transmitido via oral para os ouvintes. Observa-se este fato em programas de rádio de todo o tipo como os jornalísticos, esportivos, de variedades, de utilidade pública, religiosos e de música. Ainda assim é importante citar algumas considerações sobre o som do rádio ao fazer paralelos com a oralidade:

[...] o som do rádio não corresponde à experiência acústica natural, é antes um som artificial produzido com uma série de intermediações eletromagnéticas. As suas possibilidades e limites, em consequência disso, não serão as mesmas do som natural. A demarcação destes limites é bastante complexa, pois não depende apenas das leis da física que permitem a descrição objetiva deste som mediatizado pelo áudio, mas também de variáveis psicológicas relacionadas à percepção e à imaginação que estão longe de constituir uma ciência exata. (MEDITSCH, 2007, p.148)

Isto posto, percebe-se que a informação transmitida pelo rádio não representa a oralidade natural que se expressa entre os indivíduos quando estes estão sobre a presença uns dos outros, mas sim uma oralidade que é transmitida através de um meio que permite à informação oral transpor distâncias espaciais. Como a seguir Mcluhan (1964, p.334) comenta sobre essa outra oralidade:

Se sentamos e conversamos no escuro, as palavras de repente adquirem novos significados e texturas diferentes. Tornam-se mais ricas até do que a Arquitetura. Todas as qualidades gestuais que a página impressa elimina na linguagem retornam à linguagem no escuro – e no rádio. Quando se oferece apenas o som de uma peça teatral, nós a preenchemos com todos os sentidos e não apenas com a visão da ação.

Assim observa-se que o fato do rádio utilizar apenas do áudio para transmissão da informação, não possuindo assim nenhuma outra característica ou aparato de expressão, estimula com que o indivíduo preencha essa informação com outros sentidos e com sua própria imaginação, digamos que para criar uma imagem daquilo que não está sendo visualizado.

Como já citado, a oralidade do rádio é construída a partir de um texto e dessa maneira se observa que escrever, pensando na informação para ser ouvida, pode proporcionar uma consistência maior do processo comunicativo. Reiterando o fato de que o rádio não possui uma imagem visual de quem está emitindo a informação, a construção do seu discurso leva isto em consideração, ao passo que são pensadas as nuances de vocalização como intensidade, volume, ritmo, intervalo e tom do discurso, o que torna mais efetivo o processo de transmissão desta informação. Como afirma Silva e Almeida Junior (2013, p.6):

O roteiro de determinada produção radiofônica deve ser elaborado de forma que se configure em um programa com alta capacidade de entendimento e, se possível, que aguce os sentidos sem exigir grande esforço ou atenção do ouvinte, pois este, em geral, está ausente do campo visual da informação como também realizando alguma atividade paralela ao ato da audição.

Mais adiante complementam em relação ao discurso:

No rádio, uma seleção eficaz de palavras para realizar a locução pode, posteriormente, expandir as emoções mais fortalecedoras e, no caso oposto, pode até mesmo causar destruição. Profissionais experientes da radiodifusão conhecem o papel poderoso que as palavras radiofônicas podem desempenhar tanto para emocionar como também desafiar, ousar, fortalecer e levar o ouvinte a ação. Os sons radiofônicos podem estar compostos de quatro elementos: palavras, efeitos sonoros, fundos musicais ou músicas e o silêncio. Ao executarem-se audições de programas radiofônicos, com exceção de produções estritamente musicais, pode-se concluir, após uma análise, que o som radiofônico comprova que a palavra possui uma presença muito maior que outros elementos. (ALMEIDA JUNIOR; SILVA, 2013, p.10)

Com essas colocações, percebe-se uma nova face da informação transmitida oralmente, no caso específico através do rádio. Se na “oralidade primária” o fato dos indivíduos estarem próximos uns dos outros e em quase todas as ocasiões poderem se olhar entre si enquanto falam, trazia toda a questão visual, que adicionava novos sentidos às informações que estavam sendo transmitidas, além das variações auditivas, no rádio esta visualização não existe, o que enfatiza o papel da oralidade já que o rádio está somente trabalhando com o sentido auditivo do receptor, fazendo com que diversos mecanismos sonoros sejam usados por parte do emissor para captar a atenção de quem recebe, pois este está com seu sentido visual direcionado a coisas ao redor no mesmo momento em que ouve as informações vindas do rádio. “De maneira geral, o olho tem um poder separador muito

superior ao ouvido que é menos analítico e mais sujeito aos valores da harmonia”, (BOUGNOUX, 1994, p.98). A chegada do rádio, como meio de comunicação com estas características, foi descrita por Arnheim⁵ (1936 *apud* MEDITSCH, 2007, p.151) da seguinte maneira:

Revelou-se um mundo sedutor e excitante, que engloba não só maior estímulo que conhece o homem para os sentidos, a música, a harmonia e o ritmo, mas também, ao mesmo tempo, é capaz de dar descrição da realidade por meio de ruídos e com o mais amplo e abstrato meio de divulgação que o homem possui: a palavra. Ao mesmo tempo pela primeira vez na história da arte, o rádio permite isolar a acústica como forma de expressão, numa extensão do que só havia sido feito antes pela música.

Então o rádio pode ser considerado um meio de comunicação da informação ímpar, pelo fato de isolar a acústica como forma de expressão reproduzindo a oralidade de maneira a explorar suas nuances e suas múltiplas possibilidades de manifestação já que este meio não dispõe de outra via para sua expressão além da sonora. McLuhan (1964, p.340) chegou a afirmar que “o rádio é uma extensão de nosso sistema nervoso central [...]”. Através dele as informações chegam de uma maneira que estimula faculdades humanas de associação e imaginação já que o sentido visual, muito utilizado pelos indivíduos não é utilizado para obter informações do rádio. De qualquer forma pode-se afirmar que “A comunicação e a transmissão oral, com o suporte ou não de técnicas próprias da mídia de massa, podem desempenhar um papel significativo na transferência do conhecimento [...]”, (ROBREDO, 2003, p.22), ou seja, as técnicas e o modo pelo qual a informação oral está sendo transmitida e comunicada não vai modificar o fato de que a oralidade, sendo ela transmitida com a presença física das pessoas que estão comunicando determinada informação, ou através de um meio de comunicação desenvolvido a partir de tecnologia específica, desempenha um papel crucial na transmissão de informações.

Mesmo assim existem diferenças que podem ser observadas entre a oralidade de um período no qual não existiam outros meios de comunicação, e a oralidade do rádio que na contemporaneidade convive com diversos outros meios de comunicação de informação. O rádio por exemplo não mantém por muito tempo a informação preservada, devido as suas características específicas de meio de comunicação. Dentro do contexto atual ele exerce um determinado tipo de função no que diz respeito ao uso da informação que está sendo transmitida.

⁵ ARNHEIM, Rudolf. 1936. **Radio**. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.

Por ser um meio de comunicação de massa, e mesmo com diversas finalidades e temáticas dos programas que são transmitidos, a informação em geral é efêmera e passageira e se organiza em uma linguagem que visa reter apenas os traços essenciais e fundamentais do conteúdo da informação que está sendo transmitida. Dessa maneira o usuário da informação utilizará de outros meios de transmissão e comunicação da informação para se aprofundar em determinados conteúdos informacionais. Não se pode comparar o conteúdo informacional de um livro com o conteúdo de um rádio, e isso é uma realidade que se observa em uma sociedade na qual diversos canais de mídia dividem espaço na transmissão de informações e conhecimentos, assumindo assim cada uma o seu papel que vai se modificando de acordo com o desenvolvimento de novos meios de comunicação.

Existe uma “intercomplementaridade” (SANTAELLA, 1996, p.98) entre os meios de comunicação que a medida que coexistem, vão sendo utilizados em conjunto já que cada um fornece um determinado tipo de informação a respeito do conteúdo que está sendo buscado.

Na “oralidade primária” por exemplo, a voz não possuía um meio externo ao próprio indivíduo para se propagar, e, transmitida de indivíduo para indivíduo, com funções não apenas de lidar com as coisas do dia-a-dia mas com seu papel de transmissão de conhecimento, e único meio para isso, era percebida de outras maneiras, bem como sua preservação era requerida e realizada por meio de pessoas designadas para isso como também por todos os indivíduos que compartilhavam suas vidas em uma sociedade oral, regida por uma consciência oral. Santaella (1996, p.33) discorre a esse respeito:

Isso ocorre porque na comunicação pessoa a pessoa, face a face, o emissor e receptor podem ir ajustando, passo a passo, as diferenças de níveis entre códigos culturais e os repertórios de signos que são ou não compartilhados. Esse ajustamento tende a aumentar o grau de controle sobre a informação que é transmitida no ato comunicativo. O mesmo não ocorre nos processos de comunicação de massa, de modo que muita informação não controlada e não intencionada pode chegar aos receptores à revelia do emissor.

Mesmo assim, a comunicação da informação oral com suas diferenças em relação ao meio que é utilizado e as implicações que isto traz para a relação com a informação e seu uso, é uma audição sequencial de um fluxo de informações que seguem um ritmo para serem transmitidas. Esse uso é tanto afetado pelo meio de comunicação que é utilizado, como pelo contexto em que se encontra o meio de comunicação da informação e sua relação e coexistência com outros meios de comunicação.

Antes de citar os dados coletados, pode-se observar uma visão a respeito da bibliografia existente sobre o rádio na própria área de comunicação, como comenta Meditsch (2007, p.45):

A bibliografia existente sobre o rádio, além de reduzida em relação à disponível sobre outros meios de comunicação, encontra-se dispersa e com acesso dificultado por uma série de fatores. A posição subalterna a que o rádio foi relegado fez com que o veículo fosse tratado, na maior parte das vezes, como capítulo de obras de interesse mais geral, o que raramente é citado na catalogação dos livros. Os livros específicos, por sua vez, dificilmente ultrapassam a primeira edição, que uma vez esgotada é retirada dos catálogos das editoras. E as bibliotecas, mesmo as especializadas em comunicação social, costumam ter o rádio ente as suas últimas prioridades em termos de aquisição, o que torna essas edições sazonais irrecuperáveis.

Dessa forma já é de se esperar que as pesquisas sobre o rádio na área da Ciência da Informação sejam reduzidas, porém seguiremos com a análise de dados que foi realizada.

6 ANÁLISE DA PRESENÇA DA INFORMAÇÃO RADIOFÔNICA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

As nuances e características da informação oral transmitida via rádio, foram colocadas até este ponto. Seja na época de seu advento ou na contemporaneidade, o rádio tem sua grande importância como meio de comunicação e transmissão de informação oral com suas características e aspectos específicos citados.

Agora pretende-se colocar como o rádio e como a oralidade tem sido estudados na área da Ciência da Informação. O rádio, apesar de sua aparente participação coadjuvante diante de tantos outros meios de comunicação mais recentes, perdura com grande número de ouvintes e se transforma adentrando outros canais de comunicação da informação, porém mantendo suas características, e logo tem seu papel como um meio de transmissão da informação. E a oralidade, como uma das primeiras formas de transmissão da informação, com suas características específicas tem ainda um papel essencial na transmissão e comunicação da informação.

Dessa forma, para o levantamento o instrumento utilizado foi a Brapci – Base de Referencial de Artigos de Periódicos de Ciência da Informação⁶.

Foram recuperados trinta e cinco artigos pesquisados com o termo “rádio”, este que já engloba todos os termos que possuem esta mesma raiz, já que o mecanismo de busca utilizado opera de maneira a recuperar todas as palavras que contenham esta sequência de caracteres, não sendo necessário realizar outras pesquisas com termos como por exemplo “radiofônico” e “radiodifusão”. Destes artigos recuperados quinze tratam do tema rádio, isso quer dizer que os vinte (APÊNDICE C) restantes são artigos que citam o termo “rádio” apenas fazendo referência em relação ao mesmo.

Os artigos recuperados, acompanhados de seu resumo (APÊNDICE A), são os seguintes:

BOARATTI, Márcia; SIGNATES, Luis. Estado e comunicação: o caráter público das emissoras estatais: a Rádio Universitária de Goiânia como estudo de caso. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 4, n. 1/2, jan./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/24028/14034>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

⁶ <http://www.brapci.ufpr.br>

CAMPOS, Venerando Ribeiro de. Os conteúdos da programação radiofônica internacional do Brasil e da Espanha. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 3, n. 1, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22859/13600>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

CUNHA, Mágda. Tendência das mídias a partir de um olhar sobre a história. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, jun./dez. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/33/11>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

DEUS, Sandra de. Rádios universitárias públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/77/37>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

FRANÇA, Lisa. A apreciação do radiojornalismo praticado em Goiás: pesquisa realizada com motoristas de táxi. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 4, n. 1/2, jan./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/24030/14035>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

GOLIN, Cida. O rádio como monitor do trânsito, termômetro e cronômetro da cidade. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. Esp., jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/15899/10119>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

GRASSI, André Soares; MIELNICZUK, Luciana. A cobertura jornalística do plebiscito de 1993 segundo as teorias de Agenda-Setting. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, 1996. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003978&dd1=89669>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

LAHNI, Cláudia Regina. Rádio comunitária autêntica e educação para a cidadania. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22814/13559>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

MACIEL, Suely; KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. Interatividade e produção discursiva no rádio e na televisão: a participação da audiência e a conformação da mensagem informativa. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 15, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22506/13394>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

MANE, Ernesto Batista; PAIVA, Eliane Bezerra. Necessidades de informação de idosos: pesquisa com o grupo de idosos “Alegria de viver”, SESC-PB. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 2, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/1641/1685>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

NUNO, Fontes Ferreira. Evolução Legal dos Arquivos Audiovisuais e Sonoros em Portugal. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 6, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/5146/4346>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

SALES, Clayton W. Nascimento de; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo. As transformações da mensagem jornalística dentro do documento sonoro radiofônico, sob o foco da Ciência da Informação: um espaço para o estudo da comunicação extensiva de dados. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/RICI/article/view/811/2358>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

SÃO PAULO, Vera de. A imprensa e o desenvolvimento cultural do povo brasileiro. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 1, n. 2, jul./dez. 1973. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002942&dd1=bd52b>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

SPENTHOF, Edson Luiz. A importância das rádios e TVs universitárias como laboratórios. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 1, n. 1, jan./jun. 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22755/13543>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

STASIAK, Daiana. Sociedade midiaticizada: as afetações do campo dos media na contemporaneidade. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 12, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/12271/8133>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. O povo conta a sua mídia: a construção da Rádio Comunitária Nova Geração de Jatatizinho (PR). **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22815/13560>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

Na sequência foi possível identificar e nomear quatro temas. Nesses temas estão quinze subtemas assim discriminados:

- *Rádio e Sociedade:*
 - Rádio na visão público/privado
 - Rádio utilizado para análise da cidade e o papel do próprio rádio dentro da mesma
 - O rádio na sociedade
 - O rádio como fonte educativa
 - Papel das rádios na construção de uma faculdade pública
 - O rádio no ensino de comunicação

- *Rádio e comunicação da informação:*
 - Interação emissor receptor da informação
 - Interação entre os meios de comunicação inclusive o rádio
 - Flexibilidade do rádio como meio de comunicação

- Rádio citada como fonte de informação do grupo pesquisado
- O jornalismo praticado pelas rádios pesquisadas
- Análise comparativa com o intuito de ver se o conteúdo possui relação direta com a intenção e função comunicativa

- *Comunicação:*
 - História dos meios de comunicação
 - Comunicação de massa
- *Outros:*
 - Direitos autorais

Observamos em especial dentre estes quatro temas o nomeado como *Rádio e comunicação da informação*. Os artigos aqui classificados dizem respeito ao rádio como um meio de comunicação da informação, tratando sobre a maneira que a informação é transmitida, as interações presentes nesta transmissão, a oralidade e os conteúdos da comunicação através do rádio e suas implicações.

A seguir estão discriminadas as palavras-chave dos artigos encontrados, com vista a perceber as discussões presentes nestes artigos:

Arquivos
 Audiência de rádio
 Campo dos media
 Cidadania
 Comunicação Comunitária
 Comunicação Extensiva
 Comunicação de massa
 Comunicação democrática
 Convergência tecnológica
 Cultura midiática
 Desenvolvimento cultural
 Educação
 Ensino de comunicação
 Espaço urbano
 Estudo de usuários
 Extensão universitária
 História Oral
 Idoso
 Informação
 Informação utilitária
 Interatividade
 Imprensa

Jornalismo
 Laboratórios
 Legislação
 Motoristas de táxi
 Mdiatização
 Mídias - história
 Mídias - tendências
 Narrativa radiofônica
 Necessidade de informação
 Participação
 Programa e notícia
 Rádio (4)
 Rádio e TV universitários
 Rádio comunitária
 Rádios públicas
 Rádios universitárias
 Televisão

Dentre as palavras-chave supracitadas as mais recorrentes são as que possuem o termo “rádio”, e isso é esperado já que estes artigos tratam deste tema. É interessante perceber a presença da palavra “História oral”, trazendo este aspecto da oralidade nos artigos sobre o rádio.

Na sequência foram recuperados quarenta e nove artigos pesquisados com o termo “oralidade”. Destes artigos recuperados dezoito tratam sobre a oralidade, ou possuem uma discussão a seu respeito. Os trinta e um (APÊNDICE D) restantes são artigos que apenas citam o termo “oralidade” para se referir a algum assunto não adentrando ao estudo da oralidade seja de forma principal ou parcial.

Os artigos recuperados, acompanhados de seu resumo (APÊNDICE B) são os seguintes:

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os documentos de amanhã: a metáfora, a escrita e a leitura nas narrativas em formato digital. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, fev. 2009. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/fev09/Art_01.htm>. Acesso em: 01 maio 2013.

CARDOSO, Francilene do Carmo; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. A biblioteca pública na (re)construção da identidade negra. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/57/100>>. Acesso em: 01 maio 2013.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 7, n. 13, maio 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n13p25/5213>>. Acesso em: 01 maio 2013.

COMASSETTO, Leandro Ramires. O internetês como forma de manifestação na conquista do presente. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/26801/23670>>. Acesso em: 01 maio 2013.

DANTAS, Cleide Furtado Nascimento; FERREIRA, Rubens da Silva. Os conhecimentos tradicionais dos(as) erveiros(as) da Feira do Ver-o-Peso (Belém, Pará, Brasil): um olhar sob a ótica da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1510/1182>>. Acesso em: 01 maio 2013.

FERREIRA, Felipe Nobrega; SOLDERA, Lisiane Castro. A história oral como prática no ensino de história: primeiras reflexões acerca de um projeto de pesquisa. **Biblos**, Rio Grande, v. 22, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/961/428>>. Acesso em: 01 maio 2013.

FORTES, Waldyr Gutierrez. A constância da oralidade no desenvolvimento da comunicação humana e organizacional e em suas formas de comunicar. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 10, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/10347/7155>>. Acesso em: 01 maio 2013.

GOMES, Henriette Ferreira. A transferência de informação na educação universitária: implicações do uso da oralidade, da escrita e outras tecnologias: metodologia e instrumentos. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 9, n. 2, 1999. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/386/307>>. Acesso em: 01 maio 2013.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. As crianças e a linguagem escrita. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 5, out. 2003. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out03/F_I_art.htm>. Acesso em: 01 maio 2013.

GOUVEIA JÚNIOR, Mário. Memórias e seus suportes: da fala à virtualização e suas necessidades por próteses e lugares. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 2, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/526/pdf_20>. Acesso em: 01 maio 2013.

LIMA, Lauro de Oliveira. O Livro como Instrumento Civilizatório. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 2, jul./dez. 1977. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001971&dd1=6d16b>>. Acesso em: 01 maio 2013.

MEDEIROS, Paulo de Tarso Cabral. Aquém do ser, além do falso (em torno do problema da linguagem em Platão). **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 4, n. 1, 1994. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/188/1409>>. Acesso em: 01 maio 2013.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa

Valentim. A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 6, dez. 2008. Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/dez08/Art_02.htm>. Acesso em: 01 maio 2013.

MILÁN-RAMOS, José Guillermo. Entre o dizer e o escrito: corpo e linguagem no ensino de Jacques Lacan. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, n. esp, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1737/1580>>. Acesso em: 01 maio 2013.

NUNES, Claudio Omar Iahnke. Leitura na idade média: a ruptura com a oralidade. **Biblos**, Rio Grande, v. 21, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/840/324>>. Acesso em: 01 maio 2013.

OLIVEIRA, Amanda Leal de. A mediação da informação como experiência de negociação de sentidos. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/45/82>>. Acesso em: 01 maio 2013.

ROCHA, Nilton José dos Reis. Oralidade - e o povo sobrevive na sua fala reinventada. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 10, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/10346/7156>>. Acesso em: 01 maio 2013.

SILVA, Leila Cristina Borges da. As práticas de leitura e escrita vivenciadas pelas crianças: a escola, a família e outros personagens. **Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 2, fev. 2001. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003536&dd1=de001>>. Acesso em: 01 maio 2013.

Na sequência foi possível identificar e nomear quatro temas, e contido neles estão os dezoito subtemas:

- *Oralidade e meios de comunicação:*
 - Oralidade na Internet
 - Oralidade nos meios digitais
 - Oralidade como meio de comunicação nas organizações
- *Oralidade e transmissão da informação:*
 - Transmissão de Informação pela oralidade e outras tecnologias na educação universitária
 - Transmissão de conhecimento pela oralidade
 - Oralidade na comunicação e preservação da cultura
 - Oralidade na Idade Média

- *Oralidade e Escrita*
 - Oralidade x Escrita no ensino de Lacan
 - Oralidade x Escrita (Platão)
 - Livros impressos em oposição à oralidade
 - As relações entre oral e escrito na alfabetização de crianças
 - Mediação de leitura e escrita

- *História, memória e oralidade:*
 - Lugares da memória, incluindo a Oralidade
 - História Oral de uma Biblioteca
 - Mediação de Leitura (oralidade)
 - Memória e esquecimento
 - História Oral em um projeto educacional
 - Contação de histórias

Observamos que em relação a oralidade, todos os temas abordados pelos artigos são pertinentes ao estudo em questão, já que adentram a questão da oralidade no âmbito da ciência da informação tratando de seus diferentes aspectos, fato que foi abordado em diversos sentidos na pesquisa.

A seguir estão discriminadas as palavras-chave dos artigos encontrados:

Alfabetização
 Apropriação cultural
 Atualidade
 Biblioteca pública
 Ciência da Informação
 Civilização
 Comunicação humana
 Comunicação oral
 Conhecimentos tradicionais
 Contos de fadas
 Corpo
 Desenvolvimento de coleções
 Disponibilidade da informação
 Documentos em formato digital
 Educação superior
 Ensino
 Escrita (3)
 Escrita e leitura na web
 Esquecimento
 Filosofia
 História oral

Hora do conto
Idade média
Identidade negra
Imagem
Imaginário cotidiano
Infoeducação
Informação (2)
Internetês
Leitor
Leitura
Linguagem
Linguagem egocêntrica
Linguagem virtual
Link como uma metáfora
Literatura infantil
Livros
Lugares de memória
Mediação de leitura
Memória (3)
Narradores de histórias
Narrativas orais
Negociação de sentidos
Negros na Literatura Infantil
Nova economia da produção de informação
Novas tecnologias
Oralidade (6)
Oralidade e escritura
Organização
Planejamento
Práticas-leitura-escrita
Protagonismo cultural
Psicanálise
Relacionamentos
Tecnologia
Tecnologias da informação e comunicação
Tradição
Transferência de informação
Voz

As palavras-chave mais encontradas dentre as supracitadas foram: oralidade, memória, informação e escrita. É de se esperar que as palavras “oralidade” e “informação” estariam em maior número pois os artigos tratam deste tema. A palavra “memória” é recorrente também pois muitos dos estudos da oralidade abordam a memória, já que esta possui diversas facetas entre os meios de comunicação. Já a palavra “escrita” também é recorrente já que muitos estudos da oralidade dentro da Ciência da Informação fazem o paralelo entre a oralidade e a escrita como citado neste estudo.

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Diante dos artigos recuperados pode-se perceber que o rádio é um tema pouco abordado no Brasil na área da Ciência da Informação e ainda mais se tratando de seu estudo mais específico como um meio de transmissão da informação e suas características como tal. Este fato pode ser esperado, pois como visto na revisão bibliográfica, o rádio não possui uma bibliografia muito extensa nos estudos de comunicação como outros meios de comunicação possuem. Outro dado importante é que dentre estes artigos sobre o rádio o termo “oralidade” é encontrado apenas em dois deles, isso não quer dizer que os outros artigos que não o possuem, não citem o rádio como meio de transmissão da informação, porém não trazem, ou ao menos citam o estudo da oralidade como abordado nos estudos da área.

Já nos artigos recuperados com o termo “oralidade”, os dezoito abordam o estudo da informação oral, alguns de forma mais ampla e outros de forma mais sucinta, porém todos trazendo as questões referentes ao assunto exposto neste estudo. Mesmo assim, pelo número de artigos recuperados, podemos considerar que este também é um tema pouco explorado no Brasil na área da Ciência da informação, já que estamos falando de um levantamento realizado em uma base referencial de artigos de periódicos de Ciência da Informação. Outro dado importante é que o termo “rádio” é encontrado apenas em dois destes artigos, demonstrando assim uma certa ausência de referência ao rádio nestes estudos. Aqui não confundir a oralidade citada em artigos sobre o rádio, pois neste momento estamos citando artigos que discutem a oralidade em si de alguma forma, e são estes que não mencionam de alguma forma o rádio. Podemos também perceber que alguns temas destes artigos sobre oralidade naturalmente não citariam o rádio pois abordam outros assuntos que trazem a discussão da oralidade que não os meios de comunicação por exemplo. Já as palavras-chave recuperadas serviram para expor quais as discussões presentes nestes artigos com vista a demonstrar assuntos que o rádio e a oralidade permeiam.

Assim, o que se observa é que apesar de intrinsecamente juntos, o rádio e a oralidade, nem sempre são abordados no sentido de expor este fato na área da Ciência da informação, porém não deixam de ser estudados em um sentido mais amplo abordando a informação radiofônica e oralidade de diversas perspectivas.

8 CONCLUSÃO

Com a análise realizada neste estudo, pode-se perceber que a oralidade tem papel essencial na transmissão e comunicação da informação. Como buscou-se observar, a oralidade sofreu alterações com o advento das tecnologias da informação, desde a escrita, o que ocasionou transformações e mudanças em seu uso. Porém, independente do fato de um dia ter sido o único meio de transmissão de informações, e ao longo da história isso ter se transformado ela ainda é essencial para este fim e permeia diversos meios de comunicação. O rádio neste caso como aqui colocado, é o meio de comunicação que reproduz essencialmente a oralidade para a transmissão e comunicação de informações e apesar de ter essas características pudemos observar que ele possui algumas especificidades que trazem um tipo diferente de oralidade. O fato de não ser uma oralidade “face a face” e sim que utiliza de um meio de comunicação para ser transmitida, demonstrou diferentes características. O fato de no rádio o sentido visual não ser estimulado, trás diferenças de uma informação que é transmitida face a face na qual é possível observar o emissor da informação e isso agrega outros tipos de informação ao que está sendo comunicado e transmitido. Foi visto que a própria construção do discurso oral do rádio é pensada em um receptor que estará apenas ouvindo a informação transmitida, de forma que diversos recursos de entonação, ritmo, entre outros são utilizados para que a informação chegue mais facilmente e seja captada pelo ouvinte que ao mesmo tempo que ouve a informação oral radiofônica está com sua atenção visual focada em outro contexto que não o da informação que está sendo transmitida.

Dessa maneira podemos concluir que a informação oral do rádio possui diferenças da informação oral transmitida “face a face”, porém não exclui o fato de as duas formas serem formas orais de transmissão da informação com suas características em comum e com suas diferenças. Foi visto também que este tema pode ser melhor estudado na área de Ciência da Informação no Brasil que carece de pesquisas e aprofundamentos na questão do rádio e sua oralidade, bem como o próprio estudo da informação transmitida oralmente como um todo. Os dados recuperados na pesquisa demonstraram um número baixo de estudos sobre estes assuntos no Brasil, e considerando a oralidade como o princípio da transmissão da informação entre os seres humanos, bem como sua presença na atualidade, se justifica um maior foco nesse assunto bem como em relação ao rádio que já atravessou décadas de existência e ainda hoje é utilizado como meio de transmissão de informações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de; SILVA, Thiers Gomes da. A informação no rádio como estímulo a produção do conhecimento no ouvinte. **Datagrama zero**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, abr. 2013. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr13/Art_03.htm>. Acesso em: 13 mar. 2013.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às Ciências da Informação e da Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 335 p.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 02 fev. 2013.

COSTELA, Antônio F. **Comunicação, do grito ao satélite**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1984, 240 p.

DENNY, J. Peter. O pensamento racional na cultura oral e a descontextualização da escrita. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Org.). **Cultura Escrita e Oralidade**. São Paulo: Ática, 1997, p. 17-34.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982, 168 p.

FORTES, Waldyr Gutierrez; MARTINS, Marta Teresinha M. C. A constância da oralidade no desenvolvimento da comunicação humana e organizacional e em suas formas de comunicar. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 126-133, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/10347/7155>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

HAVELOCK, Eric. A equação oralidade – cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Org.). **Cultura Escrita e Oralidade**. São Paulo: Ática, 1997, p. 17-34.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004, 124 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999, 264 p.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998, 212 p.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993, 204 p.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1981, 346 p.

MATELLART, Armand. **A invenção da comunicação**. Lisboa: Piaget, 1994, 424 p.

MATELLART, Armand; MATELLART, Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2007, 227 p.

MCGARRY, Kevin. **O Contexto Dinâmico da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999, 206 p.

MCGARRY, Kevin. **Da Documentação à informação: um contexto em evolução**. Lisboa: Editorial Presença, [s.d], 195 p.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964, 407 p.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2007, 300 p.

NUNES, Cláudio Omar Iahnke. **Leitura na Idade Média: a ruptura com a oralidade**. **Biblos**, Rio Grande, v. 21, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/840/324>>. Acesso em: 02 abr. 2013.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papirus, 1998. [original inglês: 1982]

PLATÃO. Fedro. In: Diálogos: Mênon, Banquete e Fedro. Tradução Jorge Paleikat. São Paulo: Globo, 1962, p. 191-263.

POMBO, Olga. O Meio é a Mensagem. In: Pombo, O. (org.). **A Escola e os Media: 1º Caderno de História e Filosofia da Educação**. Lisboa: ed. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa, 1994, p. 40-50. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/cadernos/mcluhan/estudo_mcl_olga.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2013

ROBREDO, Jaime. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus Editora, 2003, 245 p.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2004, 357 p.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996, 292 p.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Das “ Ciências Documentais” à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. Porto: Edições Afrontamento, 2002, 176 p.

ZUMTHOR, P. **A Letra e a voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 307 p.

APÊNDICE A – Resumos dos artigos com o termo “rádio”

Resumos
<p>BOARATTI, Márcia; SIGNATES, Luis. Estado e comunicação: o caráter público das emissoras estatais: a Rádio Universitária de Goiânia como estudo de caso. Comunicação & Informação, Goiânia, v. 4, n. 1/2, jan./dez. 2001. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/24028/14034>. Acesso em: 30 abr. 2013.</p> <p>RESUMO: Este trabalho tematiza a questão público/ privado nas instituições estatais de comunicação. Para isso desconecta teoricamente os conceitos de público e estatal, a fim de estudar as possíveis contradições entre as dimensões do público, do privado, do estatal e do social, na perspectiva de diferentes autores. Como objeto empírico, elege-se a Rádio Universitária, da Universidade Federal de Goiás, analisando particularidades históricas e de funcionamento dessa emissora, a fim de verificar, em grau hipotético, os limites e as possibilidades, bem como os conflitos e contradições vividos pelos sujeitos ali envolvidos. Por fim, discute-se as condições de possibilidade de uma pragmática do público nas emissoras estatais de rádio.</p>
<p>CAMPOS, Venerando Ribeiro de. Os conteúdos da programação radiofônica internacional do Brasil e da Espanha. Comunicação & Informação, Goiânia, v. 3, n. 1, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22859/13600>. Acesso em: 30 abr. 2013.</p> <p>RESUMO: Trabalho de pesquisa que faz uma comparação das programações e das notícias de duas emissoras de radiodifusão internacional, - Rádio Nacional do Brasil e Rádio Exterior da Espanha, com o objetivo de comprovar se as semelhanças e as diferenças de estruturação de suas programações e dos conteúdos de suas notícias possuem relação direta com suas funções e intenções comunicativas.</p>
<p>CUNHA, Mágda. Tendência das mídias a partir de um olhar sobre a história . Em Questão, Porto Alegre, v. 12, n. 2, jun./dez. 2006. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/33/11>. Acesso em: 30 abr. 2013.</p> <p>RESUMO: A observação das respostas dadas pelas mídias à história torna possível apontar para uma tendência de futuro próximo de formatos. O presente artigo tem o objetivo de relacionar os diferentes momentos históricos que marcam os séculos XX e XXI e o desenvolvimento das tecnologias midiáticas. Entende-se que as modificações das mídias estão associadas a um determinado contexto e tornam-se uma resposta às perguntas presentes nestes diferentes horizontes. Tal observação e a descrição das características do atual momento, levam à possibilidade de apontar ou justificar as características tecnológicas da mídia. O recorte pelo século XX se justifica por ser este período aquele em que estão concentradas as mais significativas invenções voltadas para a comunicação: o rádio, a televisão e a internet, marcando ainda a força do impresso. Esta convivência de diferentes formatos faz do século XX um marco para qualquer investigação. O início do século, marcado por uma demanda por transmissões a distância, encontra no rádio uma resposta que se aperfeiçoará em móvel, quando a sociedade buscar a mobilidade. A valorização do olhar e da imagem, resultante da movimentação das grandes cidades, chega à consolidação da televisão. A sociedade hiper moderna e individualista</p>

do século XXI verifica a expansão da telefonia celular como suporte para a internet móvel e a convergência de linguagens da comunicação.

DEUS, Sandra de. Rádios universitárias públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/77/37>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

Esta é uma reflexão sobre a função, os acertos e a situação das rádios universitárias pertencentes às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), que passam a ser denominadas de rádios universitárias públicas.. Aponta para o fato de que, entre as 52 universidades, fundações e faculdades federais, 18 possuem emissoras de rádios AM ou FM, sendo que uma Universidade possui duas emissoras totalizando 19 rádios universitárias públicas devido a sua vinculação com estas instituições. O artigo considera o papel decisivo destas rádios para a construção de uma nova universidade pública.

FRANÇA, Lisa. A apreciação do radiojornalismo praticado em Goiás: pesquisa realizada com motoristas de táxi. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 4, n. 1/2, jan./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/24030/14035>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

Esta contribuição é um relato de pesquisa realizada com 294 motoristas de táxi, ouvintes de rádio, nas cidades de Goiânia e Anápolis, em janeiro e fevereiro de 2002. A intenção era avaliar, por meio da recepção, o jornalismo praticado pelas principais emissoras de rádio no estado e conhecer a apreciação dessa audiência. A pesquisa foi concebida como atividade acadêmica dos alunos do segundo ano de Jornalismo da FACOMB- UFG, que cursavam, na época, a disciplina obrigatória de Radiojornalismo.

GOLIN, Cida. O rádio como monitor do trânsito, termômetro e cronômetro da cidade. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. Esp., jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/15899/10119>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

Este artigo apresenta os resultados do segmento radiofônico da pesquisa Porto Alegre Imaginada: representações dos cidadãos sobre a cidade, projeto coletivo desenvolvido entre 2007 e 2009 na Fabico/UFRGS. A partir da metodologia estabelecida por Silva (2004), analisou-se 24 horas e dez minutos de seis programas de emissora locais, considerando os seguintes estratos analíticos: sonoro, fônico-linguístico, temporal e objetos apresentados na narração. Percebeu-se que Porto Alegre, nas narrativas radiofônicas escolhidas, constitui uma cidade descentrada. Na sua condição ubíqua de serviço e companhia, a mídia radiofônica atua como guia da mobilidade física do sujeito, cumprindo a função de termômetro e cronômetro da cidade. Desvela a condição de metrópole, mas também o tempo lento do bairro.

GRASSI, André Soares; MIELNICZUK, Luciana. A cobertura jornalística do plebiscito de 1993 segundo as teorias de Agenda-Setting. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, 1996. Disponível em: <<http://www.brapi.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003978&dd1=89669>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

Este trabalho é a aplicação de alguns aspectos da Teoria de Agenda-Setting. Foi analisada a cobertura jornalística do plebiscito sobre a forma e sistema do governo realizado em 1993 no Brasil. Foram estudados dois jornais impressos diários e dois noticiários radiofônicos.

LAHNI, Claudia Regina. Rádio comunitária autêntica e educação para a cidadania. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22814/13559>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

O artigo apresenta uma reflexão sobre a educação para a cidadania, em uma rádio comunitária autêntica. Tem-se como principais marcos teóricos de referência trabalhos de Paulo Freire e de Mario Kaplún. Quanto à metodologia e técnicas, foram realizadas pesquisa participante, entrevistas e exame de documentos e da programação da rádio comunitária definida para análise. O estudo aponta que a participação na emissora, organizada desde seu início por moradores da região, contribui para a educação e o exercício da cidadania.

MACIEL, Suely; KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. Interatividade e produção discursiva no rádio e na televisão: a participação da audiência e a conformação da mensagem informativa. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 15, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22506/13394>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

O estudo investiga a constituição da mensagem informativa nos processos de produção interativa nas mídias sonora e televisiva, a partir de situações em que conteúdos realizados pela audiência são veiculados. O trabalho mostra que as estratégias enunciativas empregadas pelos ouvintes e telespectadores efetivam-se sob uma série de controles e coerções discursivas decorrentes da própria dinâmica de produção nos meios e da relação que se estabelece entre emissora/programa e seu público. Além disso, percebe-se que, apesar das tentativas de produzir um efeito de independência do telespectador e do ouvinte em relação a sua participação e opinião, ocorre um direcionamento e um cerceamento relativo das possibilidades de expressão que, mais que técnico-operacionais, são de ordem discursiva.

MANE, Ernesto Batista; PAIVA, Eliane Bezerra. Necessidades de informação de idosos: pesquisa com o grupo de idosos “Alegria de viver”, SESC-PB. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 2, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/1641/1685>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

A informação utilitária auxilia na solução dos problemas que emergem no cotidiano das pessoas e pode contribuir para ampliar o conhecimento e melhorar a qualidade de vida dos idosos, segmento marginalizado na sociedade. Trata-se de um relato de pesquisa sobre necessidades de informação utilitária dos idosos do Grupo “Alegria de Viver”, SESC- PB. A metodologia incluiu uma pesquisa bibliográfica e na Internet e uma pesquisa de campo. Os resultados apontam que a maioria dos idosos do grupo é do sexo feminino, está na faixa etária de 60 a 70 anos de idade, estado civil viúvo, tem o ensino médio como formação educacional, profissão do lar e possui transporte próprio. As necessidades informacionais dos idosos se inserem nas áreas de saúde, lazer educação. Em suas buscas de informação, a barreira financeira é a mais significativa, em razão do baixo valor das aposentadorias. Os canais e fontes de informação mais utilizados pelos idosos são a televisão, o rádio e as conversas informais. Concluiu-se que as necessidades de informação utilitária dos idosos são resultantes de seu cotidiano e estão vinculadas às suas preocupações com a saúde e às suas aspirações de lazer e educação.

NUNO, Fontes Ferreira. Evolução Legal dos Arquivos Audiovisuais e Sonoros em Portugal. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 6, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/5146/4346>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

O artigo pretende estabelecer uma interligação entre o modelo de funcionamento dos arquivos audiovisuais e sonoros e a diferente legislação produzida nos últimos anos em Portugal. Ao longo do texto, é analisada a principal legislação que regula o sector televisivo e radiofónico, encontrando se referências ao papel do arquivo na gestão da informação e conservação do espólio histórico. Nessa perspectiva é focado o papel Código de Direitos de Autor e Direitos Conexos como principal instrumento jurídico no acesso aos registos sonoros e audiovisuais arquivados, sendo definido principais condicionalismos dessas instituições na utilização desse diploma legal. No final do artigo é mencionado algumas sugestões para a alteração do panorama legal que optimize o funcionamento destas organizações.

SALES, Clayton W. Nascimento de; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo. As transformações da mensagem jornalística dentro do documento sonoro radiofónico, sob o foco da Ciência da Informação: um espaço para o estudo da comunicação extensiva de dados. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/RICI/article/view/811/2358>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

A partir da compreensão do conceito de comunicação extensiva, é possível entender porque um veículo de comunicação como o rádio, adquire características flexíveis de transmissão da informação, principalmente quando há um armazenamento de conteúdos sonoros em um serviço de internet agregado a uma emissora jornalística.

SÃO PAULO, Vera de. A imprensa e o desenvolvimento cultural do povo brasileiro. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 1, n. 2, jul./dez. 1973. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002942&dd1=bd52b>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

As dificuldades da receptividade dos programas educativos se deve à linguagem de elite empregada e à falta de motivação para as aulas ministradas. Por outro lado, dentre os meios de comunicação, a televisão é a que preenche mais facilmente a função de divertir, embora no meio rural ela seja superada pelo rádio. A comunicação de massa atua sobre os adolescentes e as crianças, sendo maior a responsabilidade dos profissionais que atuam em função desses grupos etários. As campanhas de educação popular devem estar vinculadas a atitudes condizentes das autoridades, a fim de não se tornarem inócuas. A imprensa política raramente consegue alcançar as massas, a não ser as colunas especializadas que têm caráter de confidências.

SPENTHOF, Edson Luiz. A importância das rádios e TVs universitárias como laboratórios. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 1, n. 1, jan./jun. 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22755/13543>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

O artigo trata do uso didático do rádio e da televisão universitários no ensino de comunicação. O autor discute o processo democrático na comunicação e a questão dos laboratórios na faculdade.

STASIAK, Daiana. Sociedade midiaticizada: as afetações do campo dos media na contemporaneidade. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 12, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/12271/8133>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

Sob O contexto da sociedade midiaticizada, advinda com as novas tecnologias de comunicação e informação, o artigo objetiva questionar o conceito de campo dos media construído por Rodrigues (1990) que concebe os meios ainda como um subsistema representacional e linear. Os questionamentos ocorrem a partir de uma demanda atual que demonstra a afetação entre mídias tradicionais (rádio, TV e impressos) e as possibilidades da internet que ocasionam transformações capazes de delinear novas perspectivas para os estudos da área da comunicação.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. O povo conta a sua mídia: a construção da Rádio Comunitária Nova Geração de Jatatinho (PR). **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22815/13560>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

RESUMO:

O objetivo deste artigo é recuperar a história da construção da Rádio Comunitária Nova Geração de Jatatinho (PR), a partir da memória dos habitantes dessa localidade. Como metodologia, a pesquisa orienta-se pela interpretação de uma historiografia oral, obtida através de entrevistas e com a formação de dois grupos naturais de discussão. Tal narrativa é estruturada em três momentos: a construção dessa mídia, seu momento de idolatria e sua amortização na vida da comunidade. A articulação dos dados da pesquisa aponta para um fator importante e que deve ser relevado para a compreensão da história dessa mídia comunitária: a existência de uma cultura midiática em Jatatinho.

APÊNDICE B – Resumos dos artigos com o termo “oralidade”

Resumos
<p>BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os documentos de amanhã: a metáfora, a escrita e a leitura nas narrativas em formato digital. DataGramZero, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, fev. 2009. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/fev09/Art_01.htm>. Acesso em: 01 maio 2013.</p> <p>RESUMO:</p> <p>A produção da informação se processa hoje como uma cultura de muitas vozes formando a narrativa intertextual. Neste artigo se fala e se compara no tempo atual os documentos lineares e os documentos digitais. Atualmente as tecnologias da informação estão definitivamente inseridas no contexto do pensamento e dos atos de informação. Os usuários agora com a web, podem se colocar frente ao grande arquivo da humanidade e navegar com instrumentos infinitamente mais corretos que os astrolábios de navegação marítima. Documentos digitais ampliam o acesso e a inclusão informacional e existe uma explicação econômica e uma explicação de proximidade da informação para indicar que os documentos de amanhã serão em sua maioria em formato digital. O artigo analisa como a escrita na internet subverte a estrutura da linguagem, pois agrega ao texto imagem, vídeo, som e outras condições que à aproximam do pensamento do gerador e da oralidade.</p>
<p>CALDIN, Clarice Fortkamp. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto. Encontros Bibli, Florianópolis, v. 7, n. 13, maio 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n13p25/5213>. Acesso em: 01 maio 2013.</p> <p>RESUMO:</p> <p>Aborda aspectos teóricos sobre a oralidade e a escritura. Apresenta um esboço histórico dos narradores de histórias e destaca seu papel social. Pressupõe o leitor como co-autor da obra literária. Valoriza os contos de fadas como catárticos e necessários ao desenvolvimento do psiquismo infantil. Mostra o compromisso com a verossimilhança e a visão crítica da brasilidade dos textos infantis contemporâneos. Sugere integração de bibliotecários e professores na Hora do Conto.</p>
<p>CARDOSO, Francilene do Carmo; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. A biblioteca pública na (re)construção da identidade negra. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, João Pessoa, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/57/100>. Acesso em: 01 maio 2013.</p> <p>RESUMO:</p> <p>O objetivo deste trabalho é realizar algumas reflexões a partir de uma experiência em Biblioteca Pública no Maranhão, quando se constatou a insuficiência de materiais informacionais representativos da memória histórica dos afro-brasileiros na coleção, procurando compreender os motivos e as consequências desta ausência. A memória aqui é entendida como uma construção social, e a contribuição de Maurice Halbwachs (1990) será nosso ponto de partida. A memória oferece um contexto de atribuição de sentidos para o reconhecimento da diferença, assim a reflexão sobre memória será conduzida no domínio da categoria silêncio e sua política, o silenciamento, tendo como aporte o estudo de Eni Olandi (2007) na reflexão sobre o processo de construção de identidades. As narrativas orais através</p>

dos relatos de experiências via oralidade rejeitam o silêncio e nos mostram que a história contada pode ser outra. Assim, apresenta-se uma breve discussão sobre as funções das narrativas orais da tradição pensando como estas podem ser incluídas nos estudos do campo da Ciência da Informação, particularmente na área de Desenvolvimento de Coleções. Para tanto, torna-se necessário analisar algumas das abordagens da Ciência da Informação e de seu suposto objeto a partir das narrativas hegemônicas da área apresentando uma abordagem contemporânea que possibilite pensar esta atividade com outras fontes não impressas tendo a ação cultural como bússola. A biblioteca pública pode incluir as narrativas orais afro-brasileiras quando das ações culturais para tornar viável o desenvolvimento de coleções, exercendo de fato a relação informação, cultura e sociedade. Para tanto, o profissional da informação/bibliotecário precisa estar atento às práticas que desenvolvem no ambiente das bibliotecas, voltando suas ações para a abertura de caminhos que contemplem outras formas de desenvolvê-las, cumprindo o pretensão papel da biblioteca pública de ser “tudo para todos”, isto é, para que de fato se torne democrática.

COMASSETTO, Leandro Ramires. O internetês como forma de manifestação na conquista do presente. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/26801/23670>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

A Internet inaugurou uma nova dinâmica enunciativa que ainda divide opiniões. De um lado estão os que defendem a inserção de práticas inovadoras no âmbito da conversação e de outro os que criticam o que chamam de deformação da língua. À parte dessa discussão, esta reflexão procura entender, por um viés sócioantropológico - cultural, as razões pelas quais a linguagem assume determinadas configurações no ambiente virtual. Considera as características de oralidade presentes nas páginas pessoais dos internautas, mas, à luz de uma leitura maffesoliana, enxerga a manifestação de uma dimensão imaginária que faz por reforçar o sentido de pertencimento e identificação dos internautas em seus grupos ou redes de interação.

DANTAS, Cleide Furtado Nascimento; FERREIRA, Rubens da Silva. Os conhecimentos tradicionais dos(as) erveiros(as) da Feira do Ver-o-Peso (Belém, Pará, Brasil): um olhar sob a ótica da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1510/1182>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

Estudo sobre os conhecimentos tradicionais detidos pelos(as) erveiros(as) da Feira Livre do Ver-o-Peso, em Belém, Pará, Brasil. Em termos gerais, busca contribuir com o tema na perspectiva da Ciência da Informação. Do ponto de vista da investigação, utiliza a pesquisa bibliográfica e etnográfica em direção à compreensão dos processos de aquisição, armazenamento e transferência de informações sobre plantas, cascas e raízes medicinais comercializadas pelos atores em foco. Verifica que a aquisição e a transmissão desse saber se dá pela observação e pela oralidade no contato cotidiano do trabalho com esses produtos, seguindo armazenado apenas na memória de seus detentores. Por fim, aponta os riscos que permeiam os conhecimentos tradicionais dos(as) erveiros(as) da Feira do Ver-o-Peso e as possibilidades que o tema oferece à Ciência da Informação.

FERREIRA, Felipe Nobrega; SOLDERA, Lisiane Castro. A história oral como prática no ensino de história: primeiras reflexões acerca de um projeto de pesquisa. **Biblos**, Rio Grande, v. 22, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/961/428>>.

Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

As possibilidades de se trabalhar com a perspectiva da história oral em um projeto educacional são cada vez mais emergentes no cenário escolar, pois tal metodologia permite com que o aluno vivencie a história em nível prático. Por isso, o presente artigo tem o objetivo de trazer à baila as primeiras considerações de um projeto dentro do ensino escolar de História que vem sendo efetuado desde agosto de 2007 e que opera a partir das prerrogativas da oralidade. Assim, fazem-se presentes neste artigo as atividades realizadas pelo projeto desde então, bem como as reflexões e algumas conclusões preliminares sobre o alcance de tal proposta.

FORTES, Waldyr Gutierrez. A constância da oralidade no desenvolvimento da comunicação humana e organizacional e em suas formas de comunicar. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 10, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/10347/7155>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

Apresenta a contribuição de alguns autores para a questão da comunicação humana e a comunicação oral que deve haver nas organizações modernas. Analisa que quanto mais a organização se moderniza, ficando em dia com as mais novas tendências tecnológicas e de mercado, mais precisa da comunicação oral para atingir seus objetivos. A oralidade precisa e deve ser resgatada para ocupar o seu lugar no planejamento de comunicação que deve haver nas organizações.

GOMES, Henriette Ferreira. A transferência de informação na educação universitária: implicações do uso da oralidade, da escrita e outras tecnologias: metodologia e instrumentos. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 9, n. 2, 1999. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/386/307>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

Identifica, descreve e analisa o uso da oralidade, da escrita e de outras tecnologias no processo de transferência da informação, realizada durante as atividades didáticas, envolvendo estudantes da graduação, analisando também quais as repercussões dessa utilização, como as diversas tecnologias vêm sendo acessadas e articuladas atualmente, bem como os mecanismos utilizados no processamento de informações e na construção do conhecimento.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. As crianças e a linguagem escrita. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 5, out. 2003. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out03/F_I_art.htm>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

O artigo é um desdobramento de uma pesquisa cuja finalidade foi investigar o processo que leva à utilização da escrita como recurso mnemônico. A partir das elaborações de Vygotsky e Luria, a análise incidirá sobre como as crianças elaboram as relações entre o oral e o escrito na fase inicial de alfabetização escolar, com ênfase na linguagem, pois as crianças analisam as unidades constituintes da linguagem oral no plano verbal

GOUVEIA JÚNIOR, Mário. Memórias e seus suportes: da fala à virtualização e suas

necessidades por próteses e lugares. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 2, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/526/pdf_20>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

Através deste artigo propomos um debate sobre a importância dos lugares de memória para a sociedade do conhecimento, tributária da velocidade do fluxo de informação e de sua preservação através das novas tecnologias. Concentramo-nos em torno da emergência dos meios digitais e de um suposto desaparecimento dos espaços físicos de memória. Nossas considerações se respaldam e se concentram numa revisão bibliográfica transdisciplinar. Apresentamos como resultado a conclusão de que as necessidades por próteses de memória, em sua natureza tangível, ainda parecem legítimas enquanto forma de determinação e particularização da sociedade e de seus distintos grupos sociais.

LIMA, Lauro de Oliveira. O Livro como Instrumento Civilizatório. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 2, jul./dez. 1977. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001971&dd1=6d16b>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

A civilização se inicia com a descoberta da escrita. Descoberta irreversível e sem a qual voltaríamos ao pré-civilizatório. A escrita a serviço da gravação dos mitos, lendas e histórias da sociedade. As técnicas de sobrevivência continuam a ser transmitidas por aprendizagem direta e assistemática até o limiar do mundo moderno (corporações de ofício medievais). Graças à escrita, ao livro, os conhecimentos se tornaram cumulativos. A biblioteca no repositório das invenções humanas. A civilização da imagem. O cinema, a fita magnética, a televisão, etc., meios modernos de fixar a cultura, constituem arcaísmos perigosos: desvalorizam o livro e fazem a civilização voltar à oralidade. O ritmo de assimilação e da elaboração mental e a fugacidade do processo oral. A leitura dinâmica. Abordagem "gestáltica" (estrutural) do texto. Uma rede capilar de bibliotecas: condição indispensável ao processo civilizatório. A criação do hábito de ler e de interpretar os textos em profundidade.

MEDEIROS, Paulo de Tarso Cabral. Aquém do ser, além do falso (em torno do problema da linguagem em Platão). **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 4, n. 1, 1994. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/188/1409>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

Percorrendo inicialmente a oposição socrática entre oralidade e escrita, passando pela distância que vai do sábio ao filósofo-escritor preocupado com os problemas da pólis, demarcando a reflexão sobre o ato de ver, e especificando o papel ético da linguagem na formação do cidadão grego, o artigo visa pensar o problema na linguagem em Platão, recontextualizando o conceito de simulacro, particularmente, n' A República. Em seguida, analisa resumidamente algumas das repercussões da herança platônica no debate interessado na crítica política e cultural contemporânea, introduzindo como alternativa a densa e criativa Filosofia da Diferença praticada especialmente por Gilles Deleuze e sua proposta de reversão do platonismo.

MILÁN-RAMOS, José Guillermo. Entre o dizer e o escrito: corpo e linguagem no ensino de Jacques Lacan. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, n. esp, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1737/1580>>.

Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

No presente trabalho, pretendo mostrar o estatuto do dizer e do escrito no ensino do psicanalista Jacques Lacan. Lacan realizou, ao longo de 26 anos ininterruptos, atividades de ensino em regime de seminário; ele mesmo realizou a recopilação de seus textos fundamentais, lançados em 1966 sob o título: *Escritos*¹. Sabe-se também que um componente fundamental da sua doutrina é sua teoria sobre o estatuto do escrito na transmissão em psicanálise. Ao longo de seu ensino, também se preocupou por definir o estatuto do dizer. O dizer e o escrito aparecem enlaçados no ensino de Lacan em uma relação de temporalidade subjetiva, na qual a função essencial do dizer é a subjetivação do escrito, e isso se produz num tempo de espera no qual o corpo se vê comprometido pela própria inscrição da teoria no corpo (castração).

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentim. *A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento*. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 6, dez. 2008. Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/dez08/Art_02.htm>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

A preservação da memória esteve em evidência na Ciência da Informação que não contempla explicitamente o esquecimento, destinando-se, em suas teorias e práticas, a preservar a memória da humanidade. Com o advento das tecnologias da Internet que possibilitaram o surgimento do ciberespaço e a virtualidade das formas simbólicas, a preservação, como nós a entendemos, já não parece plenamente possível nesse meio. Discute-se o esquecimento, nas três temporalidades da memória: oral, escrita e digital, mediante o seu relacionamento com a área da Ciência da Informação, que considera a preservação como a principal categoria da memória.

NUNES, Claudio Omar Iahnke. *Leitura na idade média: a ruptura com a oralidade*. **Biblos**, Rio Grande, v. 21, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/840/324>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

O que se pretende neste texto é exercitar uma discussão sobre a substituição de uma prática social, a leitura em voz alta, por outra, a leitura silenciosa. Trata-se de uma premissa que declara que cada uma dessas práticas foi hegemônica em momentos históricos bem demarcados. Por conseguinte, assume-se que, com o exame de alguns aspectos marcantes em cada um deles, seja possível evidenciar os fatores que contribuíram para a preponderância da leitura silenciosa. Antecipa-se que este fato contemporâneo tem na Idade Média seu momento de clivagem.

OLIVEIRA, Amanda Leal de. *A mediação da informação como experiência de negociação de sentidos*. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/45/82>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

Este artigo discute questões que envolvem a apropriação da informação na perspectiva da negociação de sentidos, ou seja, segundo abordagem que considera a informação em suas dimensões de ato de significação, envolvendo sujeitos e dispositivos sociais de diferentes

naturezas. O paradigma norteador do estudo é o protagonismo cultural, entendido como ação afirmativa dos sujeitos em suas relações com o conhecimento, preocupação que alicerça estudos e pesquisas do Colaboratório de Infoeducação (Colabori) da ECA/USP, ao qual este estudo se soma. As discussões foram realizadas a partir da implantação de um projeto de leitura desenvolvido em duas escolas municipais rurais, em Minas Gerais, e em um Centro Cultural, construído na mesma fazenda. A experiência de mediação de leitura mostrou-se diferenciada pela força da oralidade na vida daquelas pessoas, gerando questões teóricas e práticas diversas: como se dá o encontro entre práticas de oralidade e escrita? Quais os dispositivos de mediação aí implicados? Concluímos procurando evidenciar como as práticas de leitura, cada vez mais promovida em diferentes contextos, se desvinculada dos processos de sua apropriação, pode não se revelar em sua dimensão, que, a nosso ver, consideramos essencial: a leitura como direito e possibilidade de ação afirmativa de sujeitos nos processos de construção de sentidos. Os referenciais teóricos do trabalho foram encontrados principalmente em Roger Chartier, Robert Escarpit, Paulo Freire, Edmir Perrotti e Ivete Pieruccini. O estudo pretende tornar evidente a importância da negociação de sentidos como conceito correlato à mediação cultural dialógica nos processos de significação comprometidos com o protagonismo cultural.

ROCHA, Nilton José dos Reis. Oralidade - e o povo sobrevive na sua fala reinventada. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 10, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/10346/7156>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

O foco principal deste artigo é a oralidade como ferramenta e esfera de comunicação das camadas populares e preservação de sua cultura. Um caminho alternativo e precioso quando os sujeitos não têm acesso às formas de discursos legitimadores, incluindo a escrita. O presente texto tece a importância do tripé voz, memória e tradição, como bases de continuidade e futuro. Têm na vasta literatura sobre o texto oral, da tradição bíblica a Saramago, dos poemas chineses do Che-King a Suassuna, de Guimarães Rosa aos repentistas, misto de poetas e jornalistas do cotidiano popular, suas fontes contemporâneas de inspiração. Voz e gesto, ritos e mitos, corpo e imaginário, tudo isto, compondo uma narrativa que não se esgota. E, sábia, penetra, agora, os poros das infovias e, de novo, encontra seus veios de atualidade e superação constantes.

SILVA, Leila Cristina Borges da. As práticas de leitura e escrita vivenciadas pelas crianças: a escola, a família e outros personagens. **Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 2, fev. 2001. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003536&dd1=de001>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RESUMO:

O presente trabalho teve como objetivo conhecer os diferentes personagens que comigo mediavam o acesso das crianças em relação às práticas de leitura e escrita. A pesquisa foi realizada na sala de aula, onde atuei como professora, compartilhando com Vygostky (1984) que, para se entender algo (neste caso, as práticas de leitura e escrita) é necessário estudá-lo nas dinâmicas das relações, mergulhada no processo, ou ainda, no movimento. Tendo como referencial teórico os estudos da história cultural (CHARTIER: 1996; HÉBRARD; 1996; FRAISSE: 1997), debruicei-me sobre os modelos históricos que circunscrevem as práticas de leitura e escrita, reconhecendo os vestígios acerca destas apropriações, pelos sujeitos dentro e fora da escola. Através dos relatos das crianças e da família, fui apurando meu olhar para os

mediadores envolvidos neste processo: a oralidade, a materialidade do livro e a imagem. No percurso deste trabalho, observei ainda que as crianças respondem ao modelo escolar, burlando-o, apropriando-se das práticas de leitura e escrita de modo singular e compartilhado ao mesmo tempo.

APÊNDICE C – Referência dos artigos descartados com o termo “rádio”

BETTENCOURT, Marcia Pires da Luz; CIANCONI, Regina de Barros. Produção e compartilhamento do conhecimento nuclear: um estudo de caso no IEN/CNEN. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. Esp., 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/12479/8035>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

SANTOS, José Carlos Sales dos. Direitos autorais na internet: o caso do google books. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 5, n. 1, jan./jun. 2011. <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4084/3662>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

OBASEK, Tony Ikponmwo. Library computerization: Nigerian realit library .**Brazilian Journal of Information Science, São Paulo**, v. 5, n. 1, jan./jun. 2011. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000011726&dd1=b2c4a>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

LIMA, Letícia Salem Herrmann. A teoria Weberiana e suas manifestações no jornalismo: twitter e o caso Haiti .**Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 13, n. 1, 2010. <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/19314/11267>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

MIOLA, Edna. Um estudo exploratório do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural Piratini Rádio e Televisão. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, jul./dez. 2008. <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/6245/4727>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

CRUZ, Dulce Márcia. A produção audiovisual na virtualização do ensino superior: subsídios para a formação docente. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 8, n. 2, jun. 2007. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000004460&dd1=7a29a>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

Magnoni, Antonio Francisco; CARVALHO, Juliano Mauricio de. Polifonia pedagógica: reflexões sobre o ensino de radiojornalismo na era digital. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 8, n. 2, jun. 2007. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007113&dd1=db70f>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

BERNARDI, Amarildo José. Informação, comunicação, conhecimento: evolução e perspectivas. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n. 1, jan./abr. 2007. <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/619/599>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

VIERA, Angel Freddy Godoy; VIERA, Sonia Dominga Godoy; VIERA, Lourdes Elizabeth Godoy. Tecnologia de identificação por radiofrequência: fundamentos e aplicações em automação de bibliotecas. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 12, n. 24, 2º sem. 2007. <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007v12n24p182/416>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

BUENO, Silvana Beatriz; BLATTMANN, Ursula. Fontes de informação on-line no contexto da área de Ciências da Saúde. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 2, n. 2, jan./jun. 2005. <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/305/184>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

SAVIGNANO, Verónica Maria; JANNUZZI, Paulo de Martino. Disseminação de informação para a cidadania no Brasil: uma análise da cobertura das matérias sobre indicadores sociais na mídia impressa. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 3, set./dez. 2003. <<http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1466/1440>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

JANNUZZI, Paulo de Martino; LOUREIRO, Mônica de Fátima. Equipamentos culturais, bibliotecas e profissionais da informação no Brasil: indicadores estaduais por volta de 2000. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 3 esp., set./dez. 2003. <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1459/1433>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

CARDOSO, Marison Simões. Na dúvida!? Ligue-se na rádio peão. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 2, maio/ago. 1996. <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1608/1580>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

MAYRINK, Paulo Tarcísio. Bibliotecas ambulantes em escolas rurais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 26, n. 1/2, jan./jun. 1993. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002169&dd1=e471d>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, cidadania e sociedade no Brasil. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 2, n. 1, 1992. <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43/1350>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

SPERRY, Suzana. Leitura e sociedade: O caso dos agricultores do sul do Brasil. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, jul./dez. 1991. <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

BOUCHE, Richard. Ciência da Informação: ciência da forma. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 17, n. 2, jul./dez. 1988. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002257&dd1=863e5>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

SOUZA, Sebastião de. Discografia da literatura brasileira. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 1, n. 1, jan./jun. 1973. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001904&dd1=d2e37>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

APÊNDICE D – Referência dos artigos descartados com o termo “oralidade”

VELLOSO, Ricardo Viana. Educação e tecnologia em diálogo na cena contemporânea. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 5, n. 2, ago./set. 2011. <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4814/3904>>. Acesso em: 01 maio 2013.

DIAS, Célia da Consolação; ALVARENGA, Lídia. Análise do domínio organizacional na perspectiva arquivística: um estudo baseado na metodologia proposta por Designing and Implementing Recordkeeping Systems, DIRKS. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 2, maio/ago. 2011. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000012015&dd1=c881f>>. Acesso em: 01 maio 2013.

MUCHERONI, Marcos Luiz. O conceito ontológico fenomenológico da informação: uma introdução teórica. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 4, n. 1, 2011. <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/42/79>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RIBEIRO, Leila Beatriz; OLIVEIRA, Carmen Irene; WILKE, Valéria Cristina Lopes. Memória e informação em sci-fi: um encontro temporal em La Jetée e Os 12 Macacos. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, 2011. <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/18851/12491>>. Acesso em: 01 maio 2013.

VELLOSO, Ricardo Viana. Desafios emergentes no cenário das civilizações tecnológicas. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, jul./dez. 2009. <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3309/2748>>. Acesso em: 01 maio 2013.

ROIZ, Diogo da Silva. A interpretação da "História total" no pensamento de Fernand Paul Braudel entre 1949 e 1958. **Biblos**, Rio Grande, v. 23, n. 1, 2009. <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/1280/574>>. Acesso em: 01 maio 2013.

HYODO, Tatiana. A literatura sobre necessidades de informação: uma análise a partir de artigos publicados no Brasil. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 14, n. 27, 2009. <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2009v14n27p135/1969>>. Acesso em: 01 maio 2013.

MATTOS, Miriam de C.do C. M.; DAVOK, Delsi Fries; OHIRA, Maria Lourdes Blatt. Gestão documental dos núcleos e laboratórios da UDESC: relato de estágio no núcleo de estudos afro-brasileiros (NEAB). **Revista ACB**, São José, v. 14, n. 1, jan./jun. 2009. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007975&dd1=cfd56>>. Acesso em: 01 maio 2013.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. Gestão de arquivos pessoais. **Arquivística.net**, v. 4, n. 1, jan./jun. 2008. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007806&dd1=a9b53>>. Acesso em: 01 maio 2013.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt; DAVOK, Delsi Fries; SCHENKEL, Marília Beatriz de Castro. Proposta para criação do sistema de arquivos da Universidade do Estado de Santa Catarina: trajetória, desafios e perspectivas. **Informação & Sociedade**, v. 18, n. 2, maio/ago. 2008. <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1391/2127>>. Acesso em: 01 maio 2013.

SILVA, Fábio Rodrigo Pinheiro da; MARTINS, Neire do Rossio. Estudos sobre o sistema de arquivos da Universidade Estadual de Campinas. **Arquivística.net**, v. 3, n. 1, jan./jun. 2007. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000004774&dd1=05939>>. Acesso em: 01 maio 2013.

TORRES, Luiz Henrique. Missões jesuítico-guaranis: entre o tempo medieval e o moderno. **Biblos**, Rio Grande, v. 21, 2007. <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/844/328>>. Acesso em: 01 maio 2013.

GONÇALVES, Jussemar Weiss. Platão: o conceito e a moralidade comum. **Biblos**, Rio Grande, v. 20, n. 1, 2007. <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/726/219>>. Acesso em: 01 maio 2013.

ANTUNES, Elton. Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, jan./jun. 2007. <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/1997/1093>>. Acesso em: 01 maio 2013.

NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; AMARAL, Sérgio Ferreira do. A linguagem audiovisual da lousa digital interativa no contexto educacional. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 8, n. 1, dez. 2006. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000009164&dd1=0526b>>. Acesso em: 01 maio 2013.

GESUELI, Zilda Maria; MOURA, Lia de. Letramento e surdez: a visualização das palavras. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, jun. 2006. <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1634/1482>>. Acesso em: 01 maio 2013.

VIEIRA, Carlos Alberto de Souza. Sistemas de Gestão da Qualidade e a Gestão de Instrumentos Arquivísticos: um Estudo de Caso. **Arquivística.net**, v. 2, n. 1, jan./jul. 2006. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007394&dd1=53098>>. Acesso em: 01 maio 2013.

TORRES, Luiz Henrique. A catedral de São Pedro. **Biblos**, Rio Grande, v. 18, n. 2, 2006. <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/267/79>> Acesso em: 01 maio 2013.

BRAMBILLA, Sônia Domingues Santos; STUMPF, Ida Regina Chitto. Planos de ensino do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: estudo bibliométrico de referências. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 1, jan./abr. 2006. <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/681/661>>. Acesso em: 01 maio 2013.

DELGADILLO, Sandra Maria Lopes Toro; LOUREIRO JUNIOR, Aminthas; OLIVEIRA, Elias. Repensando o método 5s para arquivos. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 11, n. 22, 2º sem. 2006. <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11n22p71/365>>. Acesso em: 01 maio 2013.

BRAMBILLA, Sônia Domingues Santos; VANZ, Samile Andréa de Souza; STUMPF, Ida Regina Chitto. Mapeamento de um artigo produzido na UFRGS: razões das citações recebidas. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 10, n. esp., 2006. <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-924.2006v11nesp1p195/423>>. Acesso em: 01 maio 2013.

OLIVEIRA, Érica Beatriz Pinto Moreschi de; NORONHA, Daisy Pires. A comunicação científica e o meio digital. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 15, n. 1, 2005. <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/53/1523>>. Acesso em: 01 maio 2013.

PACHECO, Raquel. Organização do arquivo intermediário e permanente na Secretaria da Agricultura: relato de experiência. **Revista ACB**, São José, v. 9, n. 1, 2004. <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000008105&dd1=e0130>>. Acesso em: 01 maio 2013.

LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira; PINTO, Lílíam Pacheco; LAIA, Marconi Martins de. Tecnologia da informação: impactos na sociedade. **Informação & Informação**, Londrina, v. 7, n. 2, jul./dez. 2002. <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1699/1450>>. Acesso em: 01 maio 2013.

CÁ, Lourenço Ocuni. Leitura comparativa de campanha de alfabetização cubana com a de alfabetização da Guiné-Bissau. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 3, n. 2, jun. 2002. <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1795/1637>>. Acesso em: 01 maio 2013.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; NOTARGIACOMO, Pollyana Coelho da Silva Ilusão e Experiência: a virtualização no pensamento de Pierre Lévy. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 3, n. 2, jul./dez. 2000. <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22872/13613>>. Acesso em: 01 maio 2013.

ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. A escola e a construção das estruturas da inteligência na criança. **Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 1, out. 2000. <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1856>>. Acesso em: 01 maio 2013.

ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. Sobre o papel da História. **Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 1, out. 2000. <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1859/1700>>. Acesso em: 01 maio 2013.

MOSTAFA, Solange Puntel; TERRA, Marisa. Das Cartas Iluministas às Listas de Discussão. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, jun. 2000. <http://www.dgz.org.br/jun00/F_I_art.htm>. Acesso em: 01 maio 2013.

YUNES, Eliana. Leitura, a complexidade do simples: do mundo a letra e de volta ao mundo. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan./jun. 1999. <<http://www.brapi.ufpr.br/documento.php?dd0=0000004610&dd1=a6963>>. Acesso em: 01 maio 2013.

TORRES, Luiz Henrique. Tempo e Mentalidades nas Missões Jesuítico-Guaranis. **Biblos**, Rio Grande, v. 4, 1992. <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/63>>. Acesso em: 01 maio 2013.